



**UNIVERSIDADES DO ESTADO DA BAHIA – UNEB  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – CAMPUS XIV  
COLEGIADO DO CURSO DE LETRAS, HABILITAÇÃO EM LÍNGUA  
PORTUGUESA E LITERATURAS – LICENCIATURA**

**MELISE DA SILVA SANTOS**

**DO ATO DE EXISTIR AO DESENCONTRO DE SI:  
QUEM ÉS TU, MACABÉA?**

Conceição do Coité  
2012

**MELISE DA SILVA SANTOS**

**DO ATO DE EXISTIR AO DESENCONTRO DE SI:  
QUEM ÉS TU, MACABÉA?**

Monografia apresentada ao Curso de Letras, com Habilitação em Língua Portuguesa e Literaturas – Licenciatura, do Departamento de Educação, campus XIV, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), como parte do processo avaliativo para obtenção do grau de Licenciada (o) em Letras Vernáculas.

Orientadora: Profa. Ms. Eugênia Mateus de Souza

Conceição do Coité  
2012

*À minha mãe **Ivanilda**,  
luz nos momentos de escuridão;  
razão da minha vida!*

## AGRADECIMENTOS

Os mais sinceros.

À Deus, fiel e protetor: por ter-me feito forte; por guiar meus passos, mostrando sempre o melhor caminho. Obrigada pelas bênçãos concedidas todos os dias!

À minha amada mãe: pela dedicação incondicional; pela preocupação e cuidado; por estar ao meu lado em todos os momentos; por renunciar os seus sonhos em favor dos meus; por acreditar em mim; por me lembrar todos os dias que posso ir muito mais longe. Obrigada por cada lágrima, cada sorriso, gostaria de poder retribuí-los da maneira que merece, mas, nada que eu diga, será suficiente para agradecer tudo que fazes por mim. Todas as minhas realizações serão tuas, tudo que sou, devo a ti. Obrigada por ser PAI e MÃE! Obrigada por ser minha MÃE!

A meu pai, estrela, que na minha vida, nunca deixou de brilhar. Obrigada pelo muito de você que existe em mim e pelos momentos, em que estando ao meu lado, fez-me tão feliz! Eu tenho orgulho de ser sua filha!

A meus irmãos Laise e Macson: pela confiança, torcida, companhia, apoio e respeito. Obrigada por entender minhas falhas, minhas ausências, minhas irritações e por fazer a minha vida mais feliz! Amo vocês infinitamente.

À minha Clarissa, sobrinha querida, motivo dos meus sorrisos mais verdadeiros! Obrigada, por, de um jeito tão singelo, transformar meus momentos de angústia e aflição, em alívio e alegria. Você é meu arco-íris e me faz a tia mais feliz do mundo!

A meus avós, tios e primos: pela ajuda e incentivo. Muitos estiveram ao meu lado durante toda a graduação, compartilhando dificuldades e alegrias e sabem o quão difícil foi chegar até aqui. E mesmo os que estiveram longe, contribuíram com gestos carinhosos. Sei que hoje encontram-se tão felizes quanto eu. Obrigada pelas palavras de força e coragem, eu precisava ouvi-las para seguir em frente.

Aos companheiros dessa jornada: Sandra e Reijane Gomes, (Amigas além da graduação! Agradeço imensamente por tudo que fizeram por mim, o caminho não teria sido o mesmo sem vocês!) Sabrina, Lhaise e Ivanildo: tantas foram as noites em claro; os momentos de desespero; as horas de cansaço, contudo, nunca desistimos, mesmo fatigados, insistimos em nosso ideal. Por vezes nos desentendemos, mas, os laços de carinho que construímos sustentaram nossa relação.

À turma 2009.1: pelos momentos de alegria compartilhados; pelas experiências divididas; pelas viagens sempre divertidas, enfim, obrigada pela convivência ora conflituosa ora harmoniosa que contribuiu, e muito, para o meu crescimento.

A meus maravilhosos amigos: pela compreensão; pelo ombro amigo a me escutar nos momentos mais difíceis; pela companhia, nas horas em que a faculdade parecia um abismo profundo a me massacrar de aflição.

A Ricardo Ferreira e Vera (grande amiga): pela oportunidade de crescimento; pelo apoio cedido quando necessário e pela consideração a mim dispensada.

À minha orientadora Eugênia Mateus, estímulo constante: pela contribuição e paciência; por ter confiado no meu trabalho e acompanhado todo processo embrionário da minha pesquisa, que hoje me toma de um imenso orgulho. Obrigada por ter acreditado em mim!

A Edite Maria e Nilzete, professoras amigas, que participaram da minha vida muito além da academia. Pessoas que tenho uma enorme admiração. Obrigada por terem compartilhado de tantos momentos particulares.

Aos mestres: pelo compromisso em transmitir os conhecimentos necessários para a minha formação profissional.

Aos funcionários, em especial Henrique e Gildevan: pela disponibilidade em me auxiliar sempre que necessário.

Ao departamento- *campus XIV*: pela acolhida; conheci neste espaço pessoas que serão eternamente especiais.

As professoras Cirênia Gonçalves e Tânia Fragoso: pelo subsídio para a realização dos estágios e pelas valiosas experiências compartilhadas.

Ao projeto PIBID e a escola Almir Passos: pelos dois anos de aprendizagem e comunhão. Lugar onde pude (re)conhecer a essência e a magia de “educar” e desenvolver minha primária prática docente. As experiências vividas nesse período me proporcionaram um significativo crescimento pessoal e profissional.

*“Agradeço todas as dificuldades que enfrentei; não fosse por elas, eu não teria saído do lugar” (Chico Xavier).*

## **Tributo a Macabéa**

Tua estrela brilha, brilha, brilha...  
Ofuscas as demais?  
Não, é apenas uma Macabéa,  
entre tantas, outra nordestina.  
O sertanejo é antes de tudo um paciente,  
eu te perdô.  
Pelo teu silêncio, pela tua melodia sincopada  
que a felicidade oca existente em ti me traz.  
Tua vida foi uma saída discreta  
pela porta dos fundos.  
A culpa é minha ou  
Eu não posso fazer nada?  
Que vontade de levá-la ao colo  
e dizer-lhe: você não está só,  
reage Macabéa, são milhões de nordestinos  
milhões de desvalidos  
que fazem coro a ti  
e pedem desculpas por existir.  
E quem é essa moça  
de cara estreita e amarela,  
corpo frágil, desprovido de lascívia?  
Ela é nossa estrela,  
incompetente para a vida  
mas a vida a persegue  
invade-lhe a alma  
(uma alma mais virgem que o seu corpo)  
traz em si o próprio fim, a fome  
de comida e de palavras,  
fome de existência.  
És rala e oca  
nada a distingue do resto do nada  
não tens coragem de ter esperança  
mas a tua morte te redime de toda culpa  
e nessa hora... dão-se conta da tua existência  
e és transformada em Estrela.

(Evania Carneiro)

## RESUMO

A pesquisa baseada na obra *A hora da estrela*, da profundamente intimista Clarice Lispector, debate a condição humana, a formação identitária, o desencontro de si e a crise existencial da protagonista Macabéa bem como os fatores que contribuem para o seu (re)descobrimto. A discussão fomenta hipóteses ora aceitas ora questionadas por autores diversos, como Sá (1979); Gotlib (1995); Lobo (2007); Montenegro (2001); Nascimento (2012); Nunes (1995); Freud (1976); Brandão (2006); Santos e Silverman (2000) e Morin (1986) que, dialogando com Lispector, além de discutirem as relações macabeanas, questionam a condição do homem marginalizado, alienado e subordinado aos comandos de uma sociedade paralisada e paralisante. O diálogo realizado entre a escritora, a nordestina e os outros personagens, aborda a discriminação sociocultural a que todos os homens estão sujeitos, discute seus conflitos interiores e exteriores, o aprisionamento de si, o (re)encontro de referenciais perdidos noutros tempos, através dos fluxos de consciência e introspecções e o intenso desejo de encontrarem a essência da vida. Como Macabéa, existem muitos perdidos no espaço, seu profundo desencontro é o arcabouço do homem que vive sob condições de vida interna e externa, brutalmente violentada. Através dos elementos sociais, culturais, literários e psicológicos, busca-se entender quais fatores possibilitaram a Macabéa construir e desconstruir sua identidade, demarcar seu espaço na grande metrópole e mais, conquistar a liberdade, podendo ser aquilo que sempre desejou. Por meio de uma escrita cuidadosamente intimista narra-se a triste vida e a feliz morte de um ser mulher: perdido, confuso e metamórfico e seus reflexos no homem contemporâneo, que carrega em si, tantas marcas de opressão, repressão e preconceito.

Palavras-chave: Identidade. Casulo. Existência e crise existencial. Fluxo de consciência. Epifania.

## ABSTRACT

The research based on the work *A hora da estrela*, from the deeply optimist Clarice Lispector, debates the human condition, the identity formation, the mismatch of the self and existential crisis of the protagonist Macabéa as well the factors that contribute to her (re)discovery. The discussion foments hypothesis now accepted later questioned by divers authors, as Sá (1979); Gotlib (1995); Lobo (2007); Montenegro (2001); Nascimento (2012); Nunes (1995); Freud (1976); Brandão (2006); Santos e Silverman (2000) e Morin (1986) that, dialoguing with Lispector, no just discuss the *macabeanas* relations, also question the marginalized man's condition, alienated and subordinated to the commands of a paralyzed and paralyzing society. The dialogue made among the writer, the northeastern and the other characters, approaches the social discrimination to which all the mankind are subjected to, discusses their interior conflicts, the imprisonment of the self, the (re)encounter of references lost in other ages, through the fluxes of consciousness and introspections and the intense desire to find the essence of life. As Macabéa, there are many lost in the space, her deep mismatch is the outline of the man who lives under intern and extern conditions of life, brutally raped. Through the social, cultural, literary and psychological elements, it tries to understand what factors made it possible to Macabéa to build and deconstruct her identity, mark her space in the big metropolis and also, conquer the freedom, making possible to be sad the life and happy the death of a woman being: lost, confused and metamorphic and its reflexes in the contemporary man, that brings in himself, so many marks of oppression, repression and prejudice.

Keywords: Identity. Cocoon. Existence and existential crisis. Flux of consciousness. Epiphany.

## SUMÁRIO

<b>“UNA FURTIVA LACRIMA” AO NASCER DA HORA DE UMA ESTRELA.....</b>	<b>10</b>
<b>1 UM FLASH DE SER E A QUEDA DO EXISTIR: pedaços do eu que foge de mim .....</b>	<b>14</b>
1.1 Do ser ao existir: um modernismo intimista.....	15
1.2 Macabéa e o tributo de si: uma relação biográfica?.....	19
1.3 A queda da estrela na sua hora: fluxos e fluxos e a busca do eu.....	24
<b>2 UM SOPRO DE VIDA NA SAÍDA DO CASULO: uma borboleta?... uma lagarta! .....</b>	<b>29</b>
2.1 Um ser(tão) difícil no existir neurótico.....	30
2.2 Glória, Olímpico... Macabéa: três mundos, dois amores, uma inexistência...	34
2.3 Afirmação de uma existência negada: um rebotalho de gente.....	40
<b>3 A HORA DA ESTRELA: uma vida epifânico-digressiva.....</b>	<b>45</b>
3.1 Era uma vez um príncipe e uma cartomante: a epifania clariceana.....	46
3.2 Um arremedo de vida: subtração da narrativa macabeana.....	50
3.3 Silêncio de vida, barulho de morte: o drama identitário de um ser mulher....	52
<b>NO CAIS DO CORAÇÃO, NO BEIJO DA AGONIA... ESPERANÇAS INCONCLUSAS.....</b>	<b>56</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>59</b>

## “UNA FURTIVA LACRIMA” AO NASCER DA HORA DE UMA ESTRELA

As melhores histórias são aquelas que não se consegue narrar [...] “Eu não posso fazer nada” é um dos títulos alternativos de *A hora da estrela* [...]. A única solução, se há, seria uma “Saída discreta pela porta dos fundos” [...] (NASCIMENTO, 2012, p. 182-3).

A escrita contemporânea é um caminho para se relacionar e interagir com o mundo através da literatura, e assim, compreender seu impacto sobre determinada realidade social e sua relação de responsabilidade com as questões socioculturais. A literatura entrelaçada ao contemporâneo apresenta um mundo ficcional arquitetado sob os alicerces da realidade. Clarice Lispector – escritora contemporânea e profundamente intimista – escreve de forma peculiar, permitindo ao leitor navegar pelas profundezas do oceano interno e infinito de seus personagens, bem como, de si mesmo. Ler Clarice é uma aventura, seus escritos pesquisam o espírito feminino, a sensibilidade, a posição social e o espaço marginal da mulher na sociedade. Expõe as relações, os sentimentos, os pensamentos e as razões existentes no ser feminino que luta pelo seu espaço e pela descoberta do verdadeiro sentido de existir. Apresenta a mulher como instrumento de fragilidade e alienação; resistência e simplicidade.

A obra *A hora da estrela* – objeto de estudo deste trabalho – apresenta elementos importantes para o reconhecimento, o encontro de si e o sentido de existir da protagonista Macabéa. Aborda características psicológicas na perspectiva de conhecer seu eu e seu papel no mundo. Traz a tona uma Macabéa pobre, ingênua, frágil e inconsciente. Clarice apropria-se do universo íntimo da nordestina e discute cuidadosamente aspectos e características cruciais para a (trans)formação de sua identidade, sendo eles: epifania, fluxos de consciência e introspecção.

Interessada em compreender o universo interno e externo da personagem Macabéa – espelho do nordestino marginalizado – e seus reflexos no homem contemporâneo, deu-se a iniciativa de pesquisar a composição intimista da escritora. Os estudos realizados originaram a monografia estruturada sob a temática: As relações psicoliterárias e a construção do eu na escrita clariceana, com título: *Do ato de existir ao desencontro de si: quem és tu Macabéa?*, tendo como principal objetivo discutir e estudar os elementos de epifania, introspecção e fluxos de consciência, como fatores que condicionam a construção do eu da personagem na obra de Clarice Lispector.

Nessa perspectiva, fez-se possível analisar o mundo macabeano e perceber o modo como os fatores psicoliterários contribuem para a formação do seu eu. Interrogar quais jogos epifânicos e fluxos de consciência a condicionam a voltar-se a si mesma; qual a relação de causa e efeito desse processo no reconhecimento de sua condição humana e na formação de sua identidade; como ela se (des)constrói, se envolto no outro ao seu redor ou ensimesmada perseguida pela sua consciência nos processos epifânicos e ainda, se seria Macabéa a subtração do eu ou a múltipla coletividade de eus fragmentados na própria existência.

O trabalho de caráter metodológico bibliográfico construiu-se gradativamente. *A priori*, realizou-se a leitura crítica do romance, em seguida, distribuíram-se os pontos a serem questionados e, por conseguinte, novas leituras teóricas como Sá (1979); Gotlib (1995); Lobo (2007); Montenegro (2001); Nascimento (2012); Nunes (1995); Santos (2000); Freud (1976); Brandão (2006); Silverman (2000); Morin (1986), dentre outras complementares, como artigos de revistas literárias, artigos de *sites* da internet etc. As teorias ora corroboraram ora confrontaram o pensamento clariceano, porém, serviram de embasamento para o processo embrionário da pesquisa, que correspondeu especificamente aos seguintes objetivos: a) conceituar epifania, introspecção, fluxos de consciência, gênero, literatura, identidade; b) mapear as (des)construções identitárias em Macabéa como reflexos psicossociais; c) analisar os jogos epifânicos e a introspecção inerente ao eu de Macabéa e a relação causa/efeito desse processo na construção literária.

A monografia, aqui descrita, está dividida em três capítulos, cada um com três subtópicos. O romance *A hora da estrela*, de Clarice Lispector (1998), é tratado no corpus do trabalho por HE, pois a presença de partes da obra se faz expressivamente necessária no desenvolvimento da pesquisa. O primeiro capítulo, intitulado *Um flash de ser e a queda do existir: pedaços do eu que foge de mim*, tem como tópicos: *Do ser ao existir: um modernismo intimista*, onde estão abordadas questões sobre o intimismo na literatura e suas características, a escrita intimista de Clarice Lispector e o emprego desse modelo literário na obra discutida; *Macabéa e o tributo de si: uma relação biográfica?*, que consolida uma discussão sobre as diferenças e semelhanças existentes entre autor e personagem, ponderando os traços culturais, sociais, psicológicos e biográficos existente entre ambas; *A queda da estrela na sua hora: fluxos e fluxos e a busca do eu*, espaço onde serão apresentados alguns dos aspectos formadores da identidade da moça, e os momentos de fluxo de consciência e introspecção, que lhe possibilita recolher-se ao mais profundo de si e aproximar-se daquilo que é.

O segundo capítulo, *Um sopro de vida na saída do casulo: uma borboleta?... uma lagarta!* está distribuído da seguinte forma: *Um ser(tão) difícil no existir neurótico*, tópico onde se propõe uma reflexão quanto a definição de neurose, a neurose macabeana e as consequências do seu estado neurótico no processo de construção identitária e no seu tão frágil modo de ser; *Glória, Olímpico... Macabéa: três mundos, dois amores, uma inexistência*, subtópico que promove uma análise dos personagens principais que fazem parte do contexto de vida da moça (Olímpico - o namorado e Glória - a colega de trabalho), e o modo como eles participam, interferem e confundem sua existência; *Afirmção de uma existência negada: um rebotalho de gente*, neste, a construção pressupõe refletir como o “outro” persegue e inferioriza a existência de Macabéa. Apresenta os outros personagens da ficção como modeladores e principais desconstrutores de sua identidade.

O terceiro – *A hora da estrela: uma vida epifânico-digressiva* – é o capítulo que descortina o segredo da obra e desvenda os mistérios da protagonista, conduzindo-a ao êxtase, a sublimação e realização. Está respectivamente dividido em: *Era uma vez um príncipe e uma cartomante: a epifania clariceana* – tópico crucial, que além de analisar a obra minuciosamente, conceitua epifania, apresenta a cartomante, o príncipe encantado, o instante epifânico e, a ação deste, sob a personagem; *Um arremedo de vida: subtração da narrativa macabeana* que narra a morte/vida da protagonista e a relevância do momento epifânico para a consolidação de sua identidade e para a descoberta do seu valor existencial; *Silêncio de vida, barulho de morte: o drama identitário de um ser mulher* que expõe o drama de vida da moça, sua infelicidade, seu silêncio e incompletude terrena, sua busca incessante pelo sentido da vida, sua luta para sobreviver num mundo hostil onde tudo estivera contra ela, e seu encontro com a morte, uma morte com valor de renascimento.

Após as reflexões feitas, Macabéa e seu sofrido processo de “descobrimento” permanecem cheios de vírgulas, reticências e sem ponto final. Não é possível decifrar o indecifrável, concluir o inconcluível. As conclusões aqui serão aclamadas: *No cais do coração, no beijo da agonia... esperanças inconclusas*.

As ficções clariceanas permitem ao leitor envolver-se numa história inventada, embora verdadeira que contribui para o reconhecimento de si mesmo e dos sentimentos que corroboram para a formação do seu eu. É possível reconhecer em suas obras questões psicológicas que atreladas à literatura dão sentido à escrita e à vida social humana. Clarice escreve de modo singular, entre a realidade e o delírio questiona o desamparo e o abandono social a que todos os homens estão sujeitos. É uma escritora ímpar na arte de tecer vidas sem

vidas. A magia da sua escrita proporciona aos leitores refletirem a vida e se recolherem para seus eus, descobrindo-se tão próximos - distantes de sua própria existência.

## 1 UM FLASH DE SER E A QUEDA DO EXISTIR: PEDAÇOS DO EU QUE FOGE DE MIM

Tornara-se com o tempo apenas matéria vivente em sua forma primária. Talvez fosse assim para se defender da grande tentativa de ser infeliz de uma vez e ter pena de si (HE, p. 39).

Clarice é uma escritora consagrada pelo seu intimismo peculiar, sua escrita investigativa e seu psicologismo. Seus escritos envolvem o leitor, promove um deslumbramento. É contemporânea, intimista e feminista: pesquisa o espírito, a sensibilidade, a posição social e o espaço marginal da mulher na sociedade.

Delicada e cheia de segredos, ela faz de suas obras não apenas narrativas, mas vidas, vidas que respiram. Envolvida pela experiência humana que absorve o mundo interior, escreve na busca desenfreada de desvendar e alcançar o inatingível: a mente. Discute e reflete os mistérios humanos. Escreve *A Hora da Estrela*, uma de suas obras mais surpreendentes, singular e extraordinária na arte de debater a condição humana, confrontar o ser e o existir obscuro de seus personagens e fazê-los flutuar sob os desenfreados fluxos de consciência. Descreve a saga de uma nordestina pobre: pobre de espírito, pobre de bens, pobre de beleza, pobre de amigos. Esclarece sobre sua (in)consciência, desamparo e vulnerabilidade. “A pessoa de quem eu vou falar é tão tola que às vezes sorri para os outros na rua. Ninguém lhe responde ao sorriso porque nem ao menos a olham” (HE, p. 16).

Clarice vislumbra as relações entre as coisas e as pessoas. Produz uma literatura que rompe paradigmas, proporcionando um encontro de consciência, dando novo sentido ao real. Preenchida por um intimismo mágico, emprega artefatos particulares para escancarar a verdade interna de seus personagens. Utiliza Macabéa, nordestina perdida no Rio de Janeiro, para abordar a pobreza interior, o conflito pessoal e a denegação da vida presente nos seres humanos.

Quando fala de Macabéa, fala também de si mesma. Lispector é o espelho de seus escritos: em seus personagens existe uma porção autobiográfica, ao criar ficção, cria extensões, continuações de si... expõe seu “eu” tão fragmentado. Enigmática, ela manifesta-se na sua escrita como se retratasse a própria vida, quando dá luz a Macabéa, metaforiza sua própria existência, exhibe suas particularidades e limitações.

Ambas as trajetórias se condensam, uma é continuação da outra. São criaturas metafísicas, recolhidas e acolhidas pelo mais íntimo dos seus pensamentos – mulheres que irrompem por meio dos fluxos de consciência inerentes ao “ser”; vivem uma busca acelerada

por sua identidade e seu valor existencial. São questionadoras, refletem constantemente a inconclusão e fragmentação que rondam suas existências. Acometidas pela solidão, pelo desejo de reconhecimento, elas vivem uma ruptura movida pela consciência. Existem sob a postura aterradora de não se conhecerem, de não se completarem, são mulheres ora satisfeitas ora insatisfeitas. Ambas são a projeção de uma existência nula, sem sentido.

Ler Clarice é uma aventura de risco, seus escritos são profundamente intensos, capazes de levar o leitor ao mais próximo de si. Suas obras denotam a profunda solidão interior vivida pelo homem. Suas ficções perturbam e confundem o leitor, pois, quando escreve, parece conhecê-lo intimamente. Descreve questões mundanas com uma agilidade, esperteza e sensibilidade intrigante ao limite do homem.

### **1.1 Do ser ao existir: um modernismo intimista**

Esse tipo de narrativa tende a ser um denso, às vezes inovador, estudo de personagens cuja mensagem é bifurcada entre arquétipos universais tradicionais ou alguma neurose singularmente localizada. Esse hermetismo mental, isto é, olhar mais para dentro que para fora, pode, entretanto, levar a comentário social tangível [...] (SILVERMAN, 2000, p. 207).

A autoafirmação do modernismo iniciou-se no século XX com o fim da ditadura de Vargas e o início da redemocratização. Foi um movimento literário que buscou ser diferente do tradicional, passando por transformações e avanços. Um momento que representa um novo modo de fazer literatura, um movimento de posse: de tomada do “seu” modo de ser tão urgente. Dividiu-se em três fases. A terceira fase influenciada pela ditadura militar foi considerada uma literatura de caráter intimista. A literatura de 30 resultou de uma grande elaboração linguística e formal, aprofundou-se no regionalismo universalista e na narrativa intimista, cuja tendência é tratar questões psicológicas.

O movimento modernista foi momento de profunda libertação. Bosi (2003, p. 225) afirma: “O modernismo foi a metáfora brilhante de um certo ângulo de consciência, que escolheu formas e mitos adequados a uma zona determinada de vida e da cultura brasileira”. É uma literatura afundada no pensamento, que faz da análise de si uma pesquisa cotidiana e se utiliza de artefatos para lutar contra as ideologias dominantes. Uma literatura que rompe os paradigmas e vive em tensão com a rotina e com o poder.

Os romances intimistas são marcados pelas características psicológicas, pela tensão metafísica, pelo monólogo interior, pela consciência que desvenda os nexos mais íntimos e dinâmicos entre o eu, o outro e os objetos, onde há um contínuo denso de experiência existencial, proporcionando um encontro de consciência e um reconhecimento súbito de uma verdade que despoja o eu das ilusões cotidianas e o entrega a um novo sentido de realidade.

Clarice foi vanguardista do modernismo brasileiro, inseriu-se na linhagem intimista da ficção de 30 por coincidência e por influência, já que foi uma escritora que escarnou as “sutilezas da alma”, por meio dos influxos introspectivos. Moisés (1989, p. 461) afirma:

O intimismo de Clarice Lispector se distingue do desses percussores e modelos em ser suprapissicológico ou supra-introspectivo, resultante que é da detecção das ondas submersas do “eu” ou das relações dos “eus” entre si que refogem ao olhar analítico do ser humano em geral.

Lispector escreve a respeito de temas existencialistas. Permite que o leitor examine-se, analise-se e, aos poucos, compreenda-se. Muito mais do que induzir o questionamento de si mesmo e de seus personagens, a autora também os aproxima de um minucioso exame rumo à descoberta de si. Clarice escreve de forma peculiar e íntima, fala dos seus sentimentos e propaga o quanto sua escrita afeta e confunde seu ser, bem como, de seus leitores. A prosa intimista é característica marcante na vida literária da autora, sua escrita, de sondagem psicológica e introspectiva, aborda valores essenciais humanos e universais, tais como a falsidade e a miséria, o jogo, o esvaziamento do ser, as carências afetivas e as inseguranças que rondam a existência humana, a alienação, a condição da pessoa como ser/objeto e objeto/ser, a ambiguidade e as contradições inerentes à formação do eu e a identificação e aceitação do seu papel no mundo. Clarice aprofunda-se no caminho da análise das angústias e crises existenciais, dedicando-se a investigar o mundo interior de seus personagens. Proença Filho (1995, p. 321) esclarece:

É necessário, pois, libertar o homem das limitações de uma existência meramente utilitária e, mas que isso, é preciso que todos e cada um dos recursos que o ser humano, qualquer ser humano, possa encontrar dentro e fora de si, constituindo o círculo de sua “realidade”, sejam mobilizados.

Lispector utiliza exageradamente figuras de linguagem que se associam aos processos intimistas, psicológicos e existenciais para compor o enredo de suas obras. Sua escrita é uma sofisticada construção literária intimista. Dona de um intimismo não metafísico, permite o acesso a nós, e de nós para nosso universo interiorizado, que é a fantasia, a adivinhação, a magia, o assombro diante do que é a vida e a obsessão pelo “eu”. Clarice,

instintiva e sensível, narra em torno da perplexidade existencial. Foi o principal nome da poesia intimista por questionar o ser e o estar no mundo, por utilizar artefatos psicossociais para investigar o ser humano e sondar seus mecanismos mais profundos, sendo eles, os desenfreados fluxos de consciência, que servem para determinar a proximidade e a distância existente entre o homem e seu “eu”.

Segundo Moisés (1989), a ficção clariceana flui exatamente no drama existencial que se delinea. O seu objetivo de captar as características dão sentido à existência, através dos fluxos de consciência e das epifanias constantes inerentes ao ser. O psicologismo está presente em suas obras. As técnicas impressionistas de apreender a realidade interior preponderam impressões e sensações que rompem com os limites espaço-temporais da mente humana e apresenta sua tão densa e complexa vida interior. Clarice introduz impiedosamente a técnica do fluxo de consciência e cruza vários eixos sem ordem ou lógica aparente. O fluxo de consciência quebra, pois, esses limites, une realidade e desejo e redimensiona o presente e o passado.

Outra forte característica da prosa intimista – a epifania –, instante revelador, que permite ao personagem apresentar-se diante de uma situação cotidiana que discreta ou indiscretamente modifica sua vida. Essa revelação aparentemente equilibrada é um momento de forte estranhamento; um fato banal da realidade toma uma dimensão tantas vezes surreal. Esse momento epifânico é um mergulho profundo no interior do personagem que sofre uma emersão para o mundo exterior e modifica-se com relação a si e ao seu redor.

Clarice rompe com a estrutura de gêneros narrativos quando escreve de forma utópica e figurada, subvertendo a ordem linear e cronológica dos acontecimentos, ela faz predominar em suas obras o tempo psicológico, de modo que as ações passam a ter caráter secundário. Moisés (1989, p. 462) anuncia:

Participando do realismo mágico, a ficção de Clarice Lispector guarda uma cosmovisão desalentada, para a qual não há escapatória possível num horizonte sem mitos, salvo, precisamente, no interior da arte: sua ficção denuncia, com veemência e verossimilhança do espaço encantatório que constrói a perplexidade de uma civilização no acaso, onde a vida parece vazia de significado, assediada, sem trégua, por uma alienação vizinha da cegueira apocalíptica.

Lispector inaugurou prismas, dilatou sensibilidades e olhares, tem um universalismo que possui a dimensão das almas. A eternidade da sua obra reside exatamente na permanente renovação que propõe. Seu olhar diabolicamente penetrante faz dela um dos maiores autores intimistas do século XX. Uma escritora que faz uso do modernismo revisitado. Clarice afirma

que esse movimento vanguardista foi um abraqueiramento, uma tomada de posse do nosso próprio meio.

O modernismo intimista de Lispector consiste numa invasão aos planos da vida humana; ela adentra nos mais atípicos pensamentos do homem, nos espaços socioculturais e na consciência do indivíduo, de modo que subverte e comanda seus pensamentos a novos horizontes, novas percepções. Seu intimismo reside na apropriação das zonas sentimentais do indivíduo, apossa-se dos momentos de angústia que o fazem reencontrar seus referenciais perdidos, indaga a zona de moradia do ser, restringe-o a um espaço meramente psicológico e circunstancial. Para ela, o ser é um mistério que se desvenda ao passo que surgem novos conflitos, novas ideias e situações. Seu intimismo baseia-se na história do ser, na mais autêntica relação que constrói esse “ser” tão confuso e fragmentado.

O ser Clariceano constrói-se através do tempo e seus sinais, dos encontros e desencontros vividos. Para Montenegro (2001, p. 13), “A existência humana, assim, é recortada pela incerteza ou pela certeza do êxito, sempre momentâneo no mundo, sempre conturbado pelas paixões e desacertos”. Esse “ser” se reveste de mistério perene, revelando-se frágil.

No romance *A Hora da Estrela*, Clarice desmonta uma estrutura de romance cronológico para traduzir primordialmente a vida interior de seus personagens, apresentando um povoamento de pensamentos e reações sensíveis que se fundem no calor das emoções e dão sentido ao existir nulo dessas criaturas, “Mas não havia nela miséria humana. É que tinha em si mesma uma certa flor fresca. Pois, por estranho que pareça ela acreditava. Era fina matéria orgânica. Existia. Só isto” (HE, p. 39). Seu romance intimista e existencialista narra o absurdo de uma vida sem sentido.

Segundo Moisés (1989, p. 454), “Clarice Lispector fala de si como se continuasse a criar ficção, expõe-se na vitrina do jornal como se palmilhasse mundos imaginários [...]”. Clarice é o espelho de seus escritos, ela se projeta como personagem. Eis que suas obras desenham presumivelmente o seu “eu”. De certo modo, existe uma dose autobiográfica nas criaturas clariceanas, o que permite nos depararmos com eus inventados... empíricos, patenteados, imaginários.

## 1.2 Macabéa e o tributo de si: uma relação biográfica?

Uma característica da literatura feminina é a presença muito visível e ostensiva da personalidade da autora logo no primeiro plano [...]. As mulheres dispõem quase sempre de um potencial de lirismo que precisa dos livros pessoais de confissão, das obras capazes de as situar como centro do mundo (LINS, 1963, p. 186).

Clarice estampa em suas obras confidências inestimáveis, desfia pensamentos e emoções, relata fatos e reflete acerca das questões externas e internas que favorecem o desenvolvimento social e psicológico do homem. É um ser enigmático, para desvendar-se, põe-se a escrever textos e manifesta-se neles como se fosse possuidora desse destino. Lispector se auto desvela, sua vida existe contida no interior de um romance, sua existência cotidiana ganha sentido quando transita por uma mera escrita ficcional. Para ela, escrever ficção significa escrever um diário íntimo, seus romances camuflam-se numa ficção protagonizada por figuras humanas. Desse modo, as personagens femininas, são, via de regra, a própria Clarice Lispector, apenas muda-se o nome. Zinani (2010, p. 161) pondera que “Tradicionalmente os assuntos veiculados pela literatura produzida por mulheres refletem o mundo interior, as experiências pessoais, dando a essa produção um caráter biográfico” (p. 161).

Lispector vive em sua escrita um eterno recomeçar na direção do centro ocupado pelo “eu”. Na busca de descobrir-se, ela contagia com os enigmas que circundam tudo a sua volta. É um ser misterioso, confuso, perdido. É, sem exceção, o próprio mistério. Mulher abstrata, entendida como a expansão do eu e a busca do outro. Sua escrita investigativa tenta desvendar o outro, esse, homem ou bicho é também um “eu” cercado de mistério, com o qual, Clarice comunga. O imprevisto que fascina, o mistério humano que rodeia essa vida quase intangível, é seu êxtase secreto.

Dona de um lirismo estridente, Clarice é sucumbida pela sensibilidade que faz a razão perder-se frente às emoções, domina um lirismo que “dá luz”, clareia suas ficções. O lírico está presente na sua visão de literatura, de si própria e de realidade. Sua lucidez desvanece dos confins da lógica, é dona de uma clareza intuitiva, instintiva e animal. Investiga a vida e essa investigação a conduz ao nada. Vive num combate entre o pensar, o sentir e o agir. Tem o poder de amar aquilo que é indecifrável. Existe numa obsedante aventura no interior do eu e seus desdobramentos cotidianos. A descida ao labirinto do eu, leva Lispector e seus “eus” multifacetados a territórios implícitos, a uma atmosfera de

angústia e interrogações em que se abrevia a vida. Clarice domina o tempo mediante a captação do seu mais ínfimo fragmento: o instante.

*A Hora da Estrela*, de Clarice Lispector, desvenda diferentes identidades emergentes na sociedade. Eis que nasce uma trama repleta de críticas sociais. O romance narra às fracas aventuras de uma pobre nordestina lançada às mazelas sociais, ao revés de uma vida, de uma cultura e de uma sociedade. O romance é um grito aos valores, à condição e à existência humana. Ao criar a personagem Macabéa, Clarice dá luz a sua obra:

Devo dizer que essa moça não tem consciência de mim, se tivesse teria para quem rezar e seria a salvação. Mas eu tenho plena consciência dela: através dessa jovem dou o meu grito de horror a vida. À vida que tanto amo (HE, p. 33).

A personagem é, aparentemente, simples, suas experiências elevam a um novo patamar da complexidade humana. Vive transições em seu interior, o que permite que os fatos de sua vida discorram através dos seus pensamentos, confundindo o passado, o presente e o futuro. É o alento, o tédio, a náusea e o encantamento desesperado da agressiva selvageria humana, ela escancara nossa própria crueldade presa e acomodada em convenções sociais. É uma personagem que sofre, às voltas com o dia-a-dia magro, com o interstício de um imprevisto qualquer que a transforma, ora desequilibrando-a ora equilibrando-a. Vive em estado crítico de sensibilidade e urgência. Seus sentimentos de solidão, abandono, culpa, júbilo e auto-enfrentamento promovem uma ruptura de si e da realidade, revelando a precariedade de suas condições e suas carências: psicológica, social e humana. “Quanto à moça, ela vive num limbo impessoal, sem alcançar o pior nem o melhor. Ela somente vive, inspirando e expirando. Na verdade – para que mais que isso? O seu viver é ralo” (HE, p. 23). Ela é a dissipação das mulheres que não tinham voz nem vez na sociedade, indivíduo que luta pela afirmação do seu processo de representação e auto representação. Incomoda por sua humildade, ignorância, inconsciência e silêncio. A personagem é fruto de um ideal clariceano que busca enfrentar, se não superar, a inautenticidade que conduz as relações humanas.

Clarice procura identificar-se com seus personagens estabelecendo uma relação de alteridade<sup>1</sup>, aborda a dificuldade que o próprio escritor tem de se apropriar do outro, de conhecê-lo e ter empatia por ele. Para Montenegro (2001, p. 36),

---

<sup>1</sup> Segundo Bahktin, o eu só existe quando em diálogo com o outro. Alteridade, pois, poderia ser definida como percepção e aceitação do valor do outro. A inteira relação entre identidade e diferença, uma interação de difícil comunicação.

[...] segundo se deduz da narrativa de Clarice Lispector, conforme os impulsos recorrentes de uma consciência translúcida, fruto da empatia/simpatia, plantando aquela aproximação fraterna entre a autora e seus personagens.

A escritora escreve com um jogo, um mascaramento, um fingimento calculado, tem o cuidado de fabricar várias histórias envoltas a sua personalidade. O mundo ficcional construído pelas “mãos” da escritora se encena em seu contorno de forma artilosa e pensada. A seguinte passagem no romance evidencia tais aspectos,

Quero neste instante falar da nordestina. É o seguinte: ela como uma cadela vadia era teleguiada exclusivamente por si mesma. Pois reduzir-se a si. Também eu, de fracasso em fracasso, me reduzi a mim mas pelo menos quero encontrar o mundo e seu Deus (HE, p. 18).

Nelson Vieira<sup>2</sup> diz que vida e literatura, autor e texto ligam-se culturalmente e, juntos, contribuem para uma visão de mundo particular. Clarice leva em conta seus traços culturais biográficos e os transportam para seus escritos; desse modo, a história de Macabéa ganha nova forma e valor quando entrevemos a própria vida da escritora. A trajetória da nordestina se apoia na história de Clarice, como se uma fosse a continuidade da outra; brasileiras, nordestinas, cariocas perdidas, amantes da rádio-relógio... Macabéa, retrato de Clarice Lispector.

É que numa Rua do Rio de Janeiro peguei no ar de relance o sentimento de perdição no rosto de uma moça nordestina. Sem falar que eu em menino me criei no Nordeste. Também sei das coisas por estar vivendo. Quem vive sabe, mesmo sem saber que sabe (HE, p. 12).

Macabéa é mais que uma Clarice projetada, ambas se diferem pelo físico, idade e classe social, porém, são enigma e mistério. “Vejo a nordestina se olhando no espelho e – um rufar de tambor – no espelho aparece meu rosto cansado e barbudo. Tanto nós nos intertrocamos” (HE, p. 22). Macabéa e Clarice identificam-se em seus pensamentos mais íntimos, pelo mesmo “eu” expresso na inquietude, nas marcas psicológicas, nos anseios e na visão de mundo. A alma da protagonista se confessa e ostenta as características da autora, ambas, possuem estereótipos regados sobre idêntico fundo psicológico: “os eus”. Lobo esclarece,

---

<sup>2</sup> As leituras sobre Nelson Vieira foram feitas a partir do artigo: *A travessia cultural de Macabéa* de Edgar César Nolasco.

Disponível em:

<http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes/edgar/A%20TRAVESSIA%20CULTURAL%20DE%20MACAB%20C9A.pdf>. Acesso: mar. 2012.

[...] à medida que o autor assume a posição de câmera cinematográfica e se envolve com o plano objetivo que descreve, parece estabelecer um tipo de *poiesis* ou criação literária numa *práxis* produtiva que integra sujeito e objeto. Neste caso, não há elemento passivo, não há objeto de descrição; só há narração dramática e participativa (2007, p. 53).

As circunstâncias que permeiam a vida dessas tão semelhantes mulheres variam entre uma situação e outra, entre um *flash* e outro, porém, sua essência não muda; eis que reside uma única heróina, Macabéa, se não, a própria Clarice Lispector. Clarice, tal como Macabéa, indaga-se corriqueiramente: quem sou? Como sou? O que sou? Realmente sou?

A viagem retirante de Macabéa espelha tanto a travessia dos Macabeus<sup>3</sup> quanto à travessia pessoal de Clarice. A história da nordestina é atravessada pela vida da escritora. Ler uma, implica conhecer a outra. Macabéa, tendo deixado o nordeste pra trás, vai à busca de encontrar e encontra-se numa cidade avessa a ela; metaforicamente, a nordestina dá continuidade ao trajeto da escritora que também deixa o nordeste e parte para o Rio de Janeiro. Clarice buscou dentro de si a história da personagem, algumas questões vivenciadas no romance são cruzadas por traços biográficos. A moça representa uma Clarice mascarada na denegação da vida, na dilacerada e conflituosa vida interior.

Lispector é um autor-criador que, ao passo que se constrói, constrói também o todo de sua obra. Reveste-se de um posicionamento valorativo que permite criar um herói e seu mundo ficcional. Faraco (2008, p. 38) esclarece,

Ele é entendido fundamentalmente como uma posição estético-formal cuja característica básica está em materializar uma certa relação axiológica com o herói e seu mundo: ele os olha com simpatia ou antipatia, distância ou proximidade, reverência ou crítica, gravidade ou deboche, aplauso ou sarcasmo, alegria ou amargura, generosidade ou crueldade, júbilo ou melancolia, e assim por diante.

Clarice escreve de modo íntimo e pessoal, utiliza aspectos e particularidades da sua vida para abarcar o herói de sua obra. É tomada pelo outro, projeta-se ao desconhecido, firma sua posição de sujeito e objeto da narrativa para apresentar uma nova história numa perspectiva memorialista e autobiográfica. Esse possível outro tão peculiar é uma tentativa de encontrar-se frente a si mesma. Escrever é então, a busca em compreender-se, escrevendo ela surpreende-se, questiona-se, desvenda-se e aos poucos se distingue.

---

<sup>3</sup> Os macabeus foram sete irmãos que, junto com sua reverenda mãe e com o sacerdote Eleazar, não quis comer carne de porco para respeitar a lei, e sofreram por isso suplícios inauditos [...] A igreja os festeja embora eles tenham descido aos infernos [...] os macabeus representam todos os pais do antigo testamento dignos de celebração (VARAZZE, 2003, p. 600).

Olga de Sá (1979) afirma que todo narrador sabe que o mundo é inventado a sua imagem e semelhança, que o “eu” das histórias são sempre um disfarce para o “eu” de seu próprio escritor. Clarice se transfigura, materializando-se em objeto; objeto de escrita, objeto de sublimação. Ideia presente na obra, “A ação desta história terá como resultado minha transfiguração em outrem e minha materialização enfim em objeto. Sim, e talvez alcance a flauta doce em que me enovelarei em macio cipó” (HE, p. 20). Faraco (2008, p. 43) esclarece:

O que ocorre, de fato, é que quando me olho no espelho, em meus olhos olham olhos alheios; quando me olho no espelho não vejo o mundo com meus próprios olhos e desde o meu interior; vejo a mim mesmo com olhos do mundo- estou possuído pelo outro.

Na ficção *A hora da estrela*, o limite entre criador e personagem é marcado pelo constante questionamento existencial que vivem. O narrador captura o personagem, seus pensamentos, suas fragilidades, inquietudes e desejos. Camufla-se, transfigura-se em outrem, narrando o vazio de uma vida interior tão cabível a si. A narrativa atinge o leitor causando estranhamento, convidando-o a desvendar e desvendar-se, para, assim, alcançar o sublime da existência humana. Kadota (s/d, p. 71) diz:

Os modos de articulação em uma narrativa são ilimitáveis, porque ilimitável é a combinação de signos possível no engendramento da teia ficcional, e a postura do narrador, em relação as personagens, amplia ainda mais essa possibilidade criativa, oferecendo através de seu ângulo de visão uma fresta por onde se pode descortinar o mundo, o seu mundo.

Clarice e Macabéa são os descolamentos do ser. São os riscos e o abismo que espreitam a lucidez. São o ocultamento e o desocultamento do ser, é a escuridão e a clareza inerentes à condição humana. Em síntese, é a exteriorização do oculto, ou até mesmo o oculto do ser em suas oscilações.

Macabéa, assim como Clarice, não tem enredo de vida, ama as coisas, o mundo, as pessoas, os bichos, as pedras, em tudo vê mistério, o indecifrável, o imponderável, ama com uma sensibilidade esplendorosa. São seres vazios, perdidos, descompassados, envoltos em melancolia, fluxos de consciência, arremedos de vida, seres que buscam no outro, uma definição de si. Mulheres nordestinas – cariocas que se sufocam, condensam-se, libertam-se, dominam-se, mulheres que buscam no mais íntimo do “ser” as respostas para tantos questionamentos, ora ínfimos ora essenciais. Ambos são seres multifacetados, mutilados, aniquilados. Drummond proclama que Macabéa, assim como Clarice, veio de um mistério e partiu para outro.

Macabéa é uma criatura metafísica, sonda os limites do ser e do estar no mundo. Vive a mercê da sua paupérrima condição humana. Suas constantes indagações existenciais partem dos fluxos contínuos de sua mente. É uma mulher introspectiva ao extremo, ela observa-se, analisa-se, recolhe-se aos seus mais íntimos pensamentos na busca de compreender-se e compreender seu valor existencial. Ela busca no seu interior as respostas para tantos questionamentos e, a partir de suas vivências enfrenta uma melindrosa estrada rumo à sua formação identitária.

### 1.3 A queda da estrela na sua hora: fluxos e fluxos e a busca do eu

[...] Todo mundo é um pouco triste e um pouco só.  
A nordestina se perdia na multidão (HE, p. 40).

Macabéa vive uma acelerada busca por sua identidade social, cultural e existencial, é alagoana, pobre e ingênua, perde seus pais quando criança e é criada por uma tia velha, sua única parente no mundo. É inocente e frágil, mal possui consciência de sua existência, reflete expressivamente uma existência imprecisa, inconclusa e indecifrável, “[...] ela era incompetente. Incompetente para a vida. Faltava-lhe o jeito de se ajeitar. Só vagamente tomava conhecimento da espécie de ausência que tinha de si em si mesma” (HE, p. 24).

A nordestina representa a resistência aos sofrimentos, aos preconceitos e as desigualdades sociais, é o grito dos marginalizados social e existencialmente. “[...] vivia numa espécie de atordoado nimbo, entre o céu e inferno. Nunca pensara em “eu sou eu”. Acho que julgava não ter direito, ela era um acaso. Um feto jogado na lata de lixo embrulhado em um jornal” (HE, p. 36). Não possui identidade sólida e definida. Sua busca pela identidade perpassa caminhos adversos, ora internos ora externos; é um processo em constante movimento que percorre uma via composta por inúmeras representações. Ser datilógrafa era a única característica que lhe atribuía valor; “Por ser ignorante era obrigada na datilografia a copiar lentamente letra por letra – a tia é que lhe dera um curso ralo de como bater a máquina. E a moça ganhara uma dignidade: era enfim datilógrafa” (HE, p. 15). Macabéa se constrói pouco a pouco, representando o milagre da vida, sobrepondo-se a qualquer circunstância de limitação social. Gotlib (1995, p 468) pontua:

E Macabéa é pura criatura, obra de outros, que não tem linguagem própria, como não tem nada. Ela é nada. Não tem saúde, não tem erudição. Não tem dinheiro. Não tem graça. Não tem poder. Nada de substantivo nessa personagem que ou pergunta, ou diz bobagens, ou se cala. Mas parece, nesse nada ter, ter tudo – o milagre da sobrevivência [...].

Macabéa é o estereótipo de uma nordestina que traz em si as marcas da opressão e da perdição, “Nascera inteiramente raquítica, herança do sertão [...]” (HE, p. 28). Representa tudo que há de feio, disforme e desagradável, tornando-se parte de uma comunidade marginalizada e excluída. Suas características a deixa aliada de si e da sociedade. É um ser fragmentado e violentado socialmente, subproduto de uma sociedade toda feita contra ela. É acometida por uma ingenuidade comovente quando experimenta o abandono oferecido pela cidade do Rio de Janeiro. A protagonista revela-se uma mulher fraca, sem cultura, alienada, indivíduo excluído da sociedade, do mundo e de si mesma, sua construção identitária é estilhaçada e altamente estereotipada. Macabéa é vítima de uma repressão cultural e social recorrente de sua infância vivida no sertão de Alagoas. Um ser sem identidade definida. Um ser mulher inconcluso e impotente.

A personagem, por ser introspectiva e fragmentada, recolhe-se ao mais profundo de si para encontrar o sentido de existir, como também, procura no outro uma explicação para ser quem é. Macabéa veste-se de uma marginalização sagrada, é um ser que reflete o milagre da sobrevivência num mundo tão hostil. Montenegro (2001, p. 35) afirma:

[...] Macabéa encarna com mais força aquela unidade ontológica, propiciando uma funda imersão no seu universo de vida, o qual traduz admiravelmente a recorrência típica de uma situação de alienações, recorrência que assinala o esforço libertador de quem crucificado pela angústia, atravessa um permanente estado de crise e passa a receber luz de um conhecimento que a lança impiedosamente contra as sombras do cotidiano. E ao mesmo tempo, a instala nas torres de um castelo encantado, engendrando sonhos e utopias [...].

Macabéa é o questionamento do ser. Questiona-se enquanto pessoa, enquanto mulher, enquanto humana. Nela reside a dúvida de quem é, para que serve, para que existe e qual sua função. Teria ela algum valor ou seria extremamente desnecessária? Tal aspiração pode ser vista no romance: “Pois a vida é assim: aperta-se o botão e a vida acende. Só que ela não sabia qual era o botão de acender. Nem se dava conta de que vivia numa sociedade técnica onde ela era um parafuso dispensável” (HE, p. 29).

A personagem vive num estado de suspensão, num profundo desencontro entre o ser e o existir, num estado frenético de rupturas. É introspectiva, íntima e particular, na mente ela busca decifrar-se, encontrar-se com quem é. Sua busca incessante por uma referência – do que é, do que sente – é movida pelos fluxos de consciência. Os fluxos de consciência<sup>4</sup>

---

<sup>4</sup> Lobo (2007, p. 57-58) afirma: “O fluxo de consciência é uma busca de união até certo ponto ilusória entre a dimensão espaço-temporal externa e a ordem do discurso interno que surge na literatura como aparentemente ilógico”.

correspondem aos estados de consciência, a uma metafísica e uma visão de mundo. É um resgate que consiste numa técnica, por onde a mente humana engloba o presente, o passado e o futuro como horizonte de possibilidades. Segundo Moisés (1989, p. 457):

[...] esse trânsito fulgaz e sutil é assinalado por “momentos privilegiados” em que o “eu” toma consciência do que ocorre dentro/fora dele, e descobre-se habitado e circundado pelo mistério, pelo insondável, pelo incompreensível.

O romance de fluxo de consciência é considerado uma épica da modernidade. É a narração de acontecimentos humanos do ponto de vista psicológico. Expõe o drama interior de seus personagens e o fluxo contínuo de seus pensamentos e sensações. Esses momentos funcionam como uma espécie de câmera, que em momentos particulares, disparam *flashes* de vivências e lembranças que possibilitam a construção de ideias, planos e fantasias ilógicas, sem sentido. É o tratamento íntimo da experiência, o engendramento das sensações, emoções, memórias e sonhos. Revela a intimidade, expressa o irreal além das fronteiras da mente. Shattuck (*apud* LOBO, 2007, p. 60) define objetivamente o fluxo de consciência quando esclarece:

O fetiche do ponto de vista na ficção corresponde a uma consciência do eu como fonte do significado e com significação na experiência. O estilo narrativo conhecido como fluxo de consciência consiste unicamente num ponto de vista, sem nenhum outro processo além do seu eu lutando para atingir o âmago do sentimento (ou para escapar dele), na sucessão de cada momento.

Macabéa viola a dimensão espaço-temporal, rompe os limites, mistura passado, presente e futuro. Vive em constante pesquisa e aprofundamento na busca de entender seu “eu”. Através dos fluxos contínuos de sua consciência, ela transita entre o “eu”, o outro e o mundo. Reside na zona da introspecção, no tratamento íntimo das experiências, ou seja, vive um eterno recomeçar movido pela sua consciência. Ela busca escapar da postura mutiladora que a coloca frente ao nada.

A sertaneja é insuperável na arte da angústia e melancolia. O movimento de vai e vem, a violenta decisão entre ir ou ficar, rir ou chorar, faz dela um ser incompleto e a permite provar o gosto inconcluso da vida. É levada pelas reincidentes nostalgias, momentos que a faz rememorar o passado. Passagem expressa no romance:

Domingo ela acordava mais cedo para ficar mais tempo sem fazer nada. O pior momento de sua vida era nesse dia ao fim da tarde: caía em meditação inquieta, o vazio do seco domingo. Suspirava. Tinha saudade de quando era pequena – farofa seca – e pensava que fora feliz (HE, p. 35).

Na recorrente busca por sua identidade, a protagonista registra lugares e momentos do seu modo de ser tão individual e coletivo tão sem valor e, ao mesmo tempo, tão importante. “Às vezes lembrava-se de uma assustadora canção desafinada de meninas brincando de roda de mãos dadas – ela só ouvia sem participar porque a tia a queria para varrer o chão” (HE, p. 33). Ela mapeia e questiona os limites que marcam sua inexorável existência.

Os momentos de ruptura vividos por Macabéa intensificam sua relação inter e extra pessoal. Induz a conhecer referências que a transporta ao mais íntimo de si mesmo. Ela é subproduto dos atos de fingir, pois, sua (con)figuração se concretiza no imaginário. Segundo Iser (*apud* LIMA, 1983, p. 386):

O ato de fingir é, portanto, uma transgressão de limites. Nisso se expressa sua aliança com o imaginário. Contudo o imaginário é por nós experimentado antes de modo difuso, informe, fluido e sem um objeto de referência. Ele se manifesta em situações inesperadas e daí que de advento arbitrário, situações que ou se interrompem ou prosseguem noutras bem diversas.

No ato de fingir, o imaginário ganha forma, adquire sentido de realidade, realiza uma transgressão de limites, ultrapassa uma realidade antes existente. Rompe fronteiras entre o imaginário e o real. Possibilita encontrar campos de referência que possuem elementos cruciais para o processo de representação e autorrepresentação dos personagens. O ato de fingir permite que o imaginário opere no espaço do real. Desse modo, a realidade de Macabéa produz uma ilusão que se cumpre à medida que tenta designá-la.

Macabéa é uma heroína. É parte de uma comunidade que busca encontrar-se e fixar-se no meio social. Explora as experiências psicológicas em busca de firmar sua identidade. Essa busca conduz à fragilidade existencial e a plenitude da vida. Ela se define por sua transfiguração, pela procura de valores elusivos. As transmutações metafísicas vividas pela personagem funcionam como válvula de escape, meios de libertação para os conflitos existenciais a que é submetida.

Mulher tola, vazia... lotada de sentimentos indefinidos. Possuída pela inconclusão, Macabéa refugia-se no cotidiano para fugir das constantes angústias que acometem sua existência. São esses sentimentos indefinidos, associados às consternações e ao vazio existencial, que a permite navegar no mais subjetivo de si. Seus conflitos ultrapassam questões pessoais e individuais, é um ser movido pelo desejo de superação, valorização e identificação. Ela encontra na escuridão de sua existência um estado de inocência peculiar, uma pobreza espiritual que a reduz aos desejos e aspirações do mundo.

Gotlib (1995) afirma que se encontrar é uma questão de envolver-se. Envolver-se consigo, com o outro e com o mundo, que as mais excitantes aventuras humanas acontecem no exterior, e são elas que possibilitam vasculhar sua intimidade. Ambas as buscas são experiências de profundidade que permitem um encontro consigo mesmo. Macabéa é um ser que se expande e se submete às instâncias da expectativa, ela transita no espaço externo, vive em tensão conflitiva, declara-se de súbito e provoca uma ruptura entre ela, o mundo e suas razões. Existe perseguida pela sua acentuada (in)consciência.

## 2 UM SOPRO DE VIDA NA SAÍDA DO CASULO: UMA BORBOLETA?... UMA LAGARTA!

[...] o atalho com sombras refrescantes e reflexo de luz entre árvores, o atalho onde eu seja finalmente eu, isso não encontrei. Mas, sei de uma coisa: meu caminho não sou eu, é o outro, são os outros. Quando eu puder sentir plenamente o outro estarei salva e pensarei: eis meu porto de chegada (LISPECTOR, 1984, p. 119).

É com maestria que Clarice Lispector expõe aquela “Macabéa sofrida e sofrível” de *A Hora da Estrela*, abordando e refletindo a exploração psicológica e social que vive. Apresenta seus conflitos, sua relação consigo mesmo e com o outro, sua condição enquanto mulher, a solidão que compartilha, a busca pelo eu e a alienação da consciência. Macabéa vive uma gestação imprevista, parálitica, neurótica. Demonstra a incapacidade e ignorância que possui para viver, ignorante para si, para o outro, para o mundo, inapta a reconhecer-se como sujeito nesse mundo estarrecedor. É submissa, escrava do sistema, escrava da própria mente.

Quando tenta desvendar essa Macabéa inconsciente, Clarice desponta com algo além da inconsciência, depara-se com seu despreparo, despreparo de e para a vida, encontra um indivíduo despreocupado com o “ser”, o “existir” e o “estar” no mundo. Um ser que não se realiza, que não ambiciona, existe alienada – como se não fizesse parte do mundo. Maca, como era apelidada, representa a miserabilidade, a figura humanizada da resistência e sobrevivência. Ignorante, ela consegue manter sua dignidade inocente e natural, “[...] ela é ao mesmo tempo, pura e idiota, trágica e cômica” (GOTLIB, 1995, p. 466). É um ser devorado pelo próprio sistema.

Lispector, trágica e esplendorosamente, expulsa as características dessa sertaneja multifacetada. Delineia sua dificuldade existencial, explana as neuroses que a faz existir e circunscreve como essas “neuroses” contribuem para a formação de sua identidade. Apresenta a perturbação de Macabéa diante da vida, desde a vida interior até a exterior. A moça não exercia bem a atividade de viver, era no mundo a sua volta que ela retirava o material de sobrevivência, mesmo sem entendê-lo.

Nesse submundo, Macabéa paira, só, ainda que rodeada por outros personagens. Glória, a colega de escritório, embora lhe dê atenção maternal, rouba-lhe o namorado, Olímpico de Jesus. Este, como homem, é “sabedor das coisas” [...], como “cabra safado”, é nordestino ladrão e assassino e tem ambição de ser rico e famoso “que fala difícil” – ele fala por clichês [...]. O

chefe do escritório, seu Raimundo exige de Macabéa o que ela não pode realizar: um trabalho limpo e competente. O médico, que não gosta de ser médico de pobre, não tem como curá-la já que não lhe pode matar a fome. As colegas de quarto dela não se aproximam. E todos os outros da cidade, nem enxergam Macabéa. A cartomante, consternada com sua má sorte, lança uma última cartada: a ilusão do casamento com um jovem alemão, rico e bonito, e lhe dá pela primeira vez um destino... falso (GOTLIB, 1995, p. 467).

Macabéa começa a formar sua débil identidade quando parte para a metrópole carioca, é sob o comando do outro e de si mesmo que ela se reproduz. Por ser um indivíduo com identidades fragmentadas, mulher carente de perspectivas, porém, lotada por sonhos e promessas que ela mesma desconhece, sua identidade constrói-se pouco a pouco, ao passo que questiona seu papel no mundo, ao passo que desfruta das vivências próprias e alheias, e ainda na coletividade de eus que desconhece ou até mesmo pela subtração daquilo que é. Vive sob os fluxos de estranhas associações que engaiolam, impedindo-a de alçar voo. Ora polissílaba ora monossílaba, é composta de “meias e muitas” palavras, “meios e muitos” pensares, “muitas e poucas” negações e afirmações. A moça precisa do intercâmbio de si para o mundo e do mundo para si mesmo. É movida pela expectativa. Vive o exílio de si e a espera de sua própria e irredutível realidade. Transita sob a impossibilidade, rasurando-se diante das circunstâncias da vida. Não tem patologia, cai em neurose profunda quando tem seu processo de vida interrompido por uma ou outra situação deformadora.

Lispector penetra profundamente na complexidade psicológica e de alma da sertaneja, desvenda os problemas, perturba o intelectual, vasculha a intimidade, vira pelo avesso a vida e os recalques da personagem, a aproxima do outro, tornando-a subordinada. Identifica e reflete de forma harmoniosa seu individualismo e sua dependência, descreve uma Macabéa melancólica, alienada e frágil. Registra suas fracas aventuras enquanto subproduto de uma sociedade estereotipada, onde ela, por ser inclassificável, é considerada um indivíduo anônimo. A protagonista representa a resistência aos sofrimentos, aos preconceitos as desigualdades sociais e a solidão.

## **2.1 Um ser(tão) difícil no existir neurótico**

Precisamos admitir que todos nós, que existimos, estamos perdidos. [...] A perda, o reconhecimento de nossas ilusões e de nossos erros abre-nos a possibilidade de uma nova consciência, de uma nova inteligência, de um novo desenvolvimento, de uma solidariedade radical (SANTOS, 2000, p. 147).

“O sertanejo é, antes de tudo, um forte” (CUNHA, 2010, p. 118). Então seria Macabéa forte? A nordestina é um ser de carne, osso e neurose, criatura apática e saturada, dona de uma (in)consciência gritante. Ela transita entre metáforas, a fim de retratar as crises de angústia humana provocada pelo eu, pelo outro, por suas introspecções e neuroses. Macabéa, dona de uma vida utilitária, é maltratada pela sua amarga vivência diária. Vive movida pelos fluxos de consciência que a coloca frente a frente com o mínimo e o máximo de si, com o positivo e negativo do seu eu. Existe, mas alicerçada pelas neuroses que marcam a sua existência. “Pois era impressionável e acreditava em tudo o que existia e no que não existia também” (HE, p. 34). Em Macabéa, tudo é sonho, tudo é lucro, tudo é agonia, “[...] ela acreditava em anjo e, porque acreditava, eles existiam” (HE, p. 40).

Literatura, vida, sociedade e psicologia mantêm um elo, elo qual, possibilita indagar, através da ficção literária, as condições de vida do homem, Brandão (2006, p. 19) esclarece:

[...] podemos entender a relação que se faz entre ficção literária e o delírio psicótico. É ela algo que parece irromper fora do circuito psíquico normal do sujeito, a usando na produção literária de forma diversa dos sonhos, dos devaneios ou dos sintomas.

Esses delírios psicóticos dão lugar aos fluxos de consciência, insanidades, manias e neuroses. Para Freud (1969, p. 191), a neurose consiste numa “[...] frustração, em uma não realização de um daqueles desejos de infância que nunca são vencidos e que estão tão profundamente enraizados em nossa organização [...]”. Sendo assim, de neurose, Macabéa entende bem... É neurótica da cabeça aos pés, “Sim, ela era alegrezinha dentro de sua neurose. Neurose de guerra” (HE, p. 36). Freud, explica que as neuroses são frutos de conflitos internos e/ou externos, movidos pelo ego do indivíduo. São as respostas negativas aos ataques feitos contra ao ego, sendo, portanto, “[...] o resultado de uma repressão fracassada” (FREUD, 1969, p. 230). As neuroses promovem manias sem delírio, crises de dúvidas e certezas, ausência de inteligência, mudança de comportamento e alienação frente às situações cotidianas. Ignora a realidade como forma de proteger o indivíduo dos percalços que o incomoda, apreende e sufoca. A pobre moça é a expressão da incapacidade de se adaptar as exigências da realidade. “Sem jamais perder a universabilidade, Macabéa [...] é um arquétipo para a metáfora da tragédia metropolitana do Brasil com relação à migração interna” (SILVERMAN, 1998, p. 220).

O ser neurótico é incompreensível, (ir)relacionável, conflituoso, (im)previsível despropositado, melancólico e fantasioso. Vive numa espécie de abismo por onde caminham alusões fabulosas de vida e existência, sofre fluxos e fluxos que condicionam voltar ao

passado, (des)construindo o presente e o futuro: “Bem sei que é assustador sair de si mesmo, mas tudo o que é novo assusta” (HE, p. 31). O homem imagina, fantasia e constrói um ideal de existência que corresponde aos desejos de sua mente; “[...] é deste mundo de fantasia que a neurose haure o material para suas novas construções de desejo e geralmente encontra esse material pelo caminho da regressão a um passado real mais satisfatório” (FREUD, 1969, p. 233).

Macabéa – espelho do neurótico freudiano – é, em essência, a neurose do nordestino que sai do seu reduto e tenta a vida na grande metrópole para se reconhecer enquanto “pessoa”, “[...] essa moça não se conhece senão através de ir vivendo à toa. Se tivesse a tolice de se perguntar “quem sou eu?” cairia estatelada e de cheio no chão” (HE, p. 15). Buscava encontrar-se como mulher, como profissional. É uma simples personagem que ganha vida através da autora e tece vidas a partir de si mesma. Sufoca-se por circunstâncias complicadas, com seu jeito pobre e tão humano de ser, busca resistir suavemente aos sintomas escandalizantes de dor, provocadas pelo mundo. É um ser revestido de melancolia e protegido com a própria melancolia, que se lhe estampa desde o sorriso inocente da infância em Alagoas, ao estágio de felicidade quando de seu encontro com Olímpico de Jesus, incluindo mais. o riso libertador, mediante revelações da cartomante. É melancólica ao relacionar-se consigo mesmo e com o outro, na amargura, na ironia de sua solidão e na dificuldade de suas escolhas. Macabéa é um labirinto. Faz-se aqui pertinente o testemunho de Silverman (1998, p. 219-0):

O papel de Macabéa é para sempre eclipsado por personagens de caráter mais forte e menos inofensivo. Ela é tão insignificante [...] Dada a sua ingenuidade, ignorância e passividade dócil, Macábea é o lúpem – cordeiro clássico de sacrifício, intimada pelo seu chefe, explorada pelo seu namorado, enganada pela amiga ousada e apenas tolerada pelas suas companheiras de apartamento.

Dona de uma existência exaustiva vive um trânsito, entre o abismo e o êxtase. Segundo Benjamin (*apud* SANTOS, 200 p. 37), ela é o sujeito que “[...] cria seus tipos dramáticos segundo a imagem escolástica medieval da melancolia”. Ele afirma que a melancolia pode compreender ao mesmo tempo, o início e o fim da tristeza, sendo um exemplo típico de neurose e repressão. Macabéa é a representação do momento de crise e melancolia vivida na contemporaneidade – a resistência e a emancipação dos sofrimentos presentes nesse tempo.

Santos (2000, p. 28) pontua que “[...] a melancolia é um sintoma crucial de desconforto, ela é, ao mesmo tempo, a única via de acesso possível para se dramatizar

escolhas e rupturas e apontar possíveis caminhos”. A melancolia dos textos clariceanos aproximam os leitores da condição sonhadora a que está submetida à humanidade e de dor, perante o vazio das incertezas, que conduz o homem a atitude de mudanças ou até mesmo a ironia do conformismo, que o homem aceita, pois, contra a vida nada se pode fazer. O sujeito melancólico viaja concomitantemente, sua vida acontece diante dos inconstantes momentos vividos. Santos (2000, p. 47) esclarece “[...] viajar é tudo o que o melancólico quer... zona de passagem entre dois tempos indefinidos, estar em permanente viagem é a nossa condição contemporânea. Melancólica condição” e consolida a ideia de que a melancolia macabeana mistura “[...] incerteza e esperança, dor e alegria, silêncio e palavra, fracasso e sucesso [...]” (SANTOS, 2000, p. 155). Os sentimentos melancólicos são abordados não somente como parte da tristeza passiva, mas, como resistência aos conflitos vividos no seu novo espaço social, no contato com o outro e consigo mesmo:

E achava bom ficar triste. Não desesperada, pois isso nunca ficara já que era tão modesta e simples mas aquela coisa indefinível como se ela fosse romântica. Claro que era neurótica, não há sequer necessidade de dizer. Era uma neurose que a sustentava, meu Deus, pelo menos isso: muletas. Vez por outra ia para a Zona Sul e ficava olhando as vitrines faiscantes de joias e roupas acetinadas – só para se mortificar um pouco. É que ela sentia falta de encontrar-se consigo mesma e sofrer um pouco é um encontro (HE, p. 34-5).

Macabéa é o reflexo dos desfavorecidos, sinal de luz por onde se exige menos passividade, porque a vida tem urgência, e é preciso corrigir os males sociais. Sua história, sua vivência e sua morte são maneiras de romper um ciclo macabeano, uma forma de impedir que outros indivíduos se transformem em “sofridas macabéas”. Silverman (1998) esclarece que a vida vazia da nordestina é reflexo da crueldade e alienação experimentada por todos. A nordestina é resistente e particular. “Macabéa é uma heroína [...] solitária na multidão, ou, melhor dizendo, uma multidão de solitários” (PAZ, 1993, p. 45). Quando forte, por ser sertaneja, nordestina, lutadora e corajosa, é paciente, conformada, indecisa, satisfeita... Paciente por se anular e acreditar que diante da vida é preciso sobreviver, ela sustenta a ideia claricena de que “O sertanejo é antes de tudo um paciente [...]” (HE, p. 66) e põe paciente nisso. Macabéa é o cúmulo da paciência.

Inúmeros são os fatores que se unem a favor da neurose macabeana: a orfandade, a infância, a tia, a datilografia, Olímpico de Jesus, Glória, as Marias, o chefe, a demissão, o médico, a cartomante... Tantos são os aspectos internos e externos que favorecem sua neurótica existência. O trio – Olímpico/ Macabéa/ Glória é o verdadeiro naufrágio da vida da nordestina. O casal Olímpico e Glória eram referência, código de homem e de mulher, ao qual

a sertaneja admirava. O contato com eles lhe trazia algo, algo que não sabia classificar se bom ou ruim, mas isso não importava, o fato de existirem já a completara... completara não se sabe de quê, Macabéa é (in)completável, sempre falta algo mais! Ocorre, pois, que ao existirem, anulam a vida da sertaneja, ao passo que davam sentido a sua existência, tirava-o. Antes de conhecê-los a moça era uma, depois outra, mais tola, mais inerte, mais estranha.

## 2.2 Glória, Olímpico... Macabéa: três mundos, dois amores, uma inexistência

Para as pessoas outras ela não existia. A sua única vantagem sobre os outros era saber engolir pílulas sem água, assim a seco. (HE, p. 63)

A obra *A hora da Estrela*, de Clarice Lispector quando apresenta a história da nordestina e sua castigante vida interior, possibilita que o leitor navegue texto adentro buscando entender o que marca a vida de Macabéa, conhecendo seu início, meio e fim. Quando criança, criada pela tia, sofreu na labuta diária, foi escravizada física e psicologicamente, privada de luz, de vida, submetida a uma existência vazia. Quando jovem, após a morte da tia velha, parte para o Rio de Janeiro em busca de encontrar algo que a preenchesse e/ou a definisse.

O argumento despretensioso acompanha a vida deprimente e a morte tocante de Macabéa. Clarice Lispector relata tudo dentro de um espaço temporal pequeno e mal definido, assim capturando e condensando simbolicamente, a essência banal do personagem central. Orfã, apenas alfabetizada, fisicamente sem atrativos e refugiada de sua pobreza alagoana, Macabéa veio para o Rio de Janeiro cosmopolita e (antagônico) como tantas outras, á procura da promessa do sucesso material de encomenda, especialmente em voga durante os anos de milagre (SILVERMAN, 1998, p. 219).

Ao introduzir-se no contexto metropolitano, inúmeros foram os impactos provocados na sua existência. A nordestina submeteu-se ao novo, ao desconhecido. Outras vidas, outras histórias... ela de nada sabia nem do seu antigo mundo, nem do seu mundo novo. O seu púbere espaço ocupado por pessoas ambiciosas e inescrupulosas deu espaço a Glória e Olímpico, principais modeladores de sua identidade.

De súbito, em um dia chuvoso no mês de maio,

[...] mês das borboletas noivas flutuando em brancos véus. Sua exclamação talvez tivesse sido um prenúncio do que ia acontecer no final da tarde desse mesmo dia: no meio da chuva abundante encontrou (explosão) a primeira espécie de namorado da sua vida, o coração batendo como se ela tivesse englutido um passarinho esvoaçante e preso. O rapaz e ela se olharam por entre a chuva e se reconheceram como dois nordestinos, bichos da mesma

espécie que se farejam. Ele a olhara enxugando o rosto molhado com as mãos. E a moça, bastou-lhe vê-lo para torná-lo imediatamente sua goiabada com queijo (HE, p. 43).

Nesse momento Macabéa desperta para o sentimento, enamora-se pelo sertanejo do sertão da Paraíba, sem nem saber seu nome. Era a primeira vez que se encontrara com alguém, que passeava e que trocava palavras, ainda que sem sentido.

Ele se aproximou e, com voz cantante de nordestino que a emocionou, perguntou-lhe:

- E se me desculpe, senhorinha, posso convidar a passear?

- Sim, respondeu atabalhoadamente com pressa antes que ele mudasse de ideia.

- E, se me permite, qual é mesmo sua graça?

- Macabéa.

- Maca, o quê?

- Béa, foi ela obrigada a completar.

- Me desculpe mas até parece doença, doença de pele (HE, p. 43).

Macabéa, tola, mal sabia se expressar, não tinha jeito para tal. Seus momentos com Olímpico eram mudos e sem eloquência. Passados os primeiros encontros Macabéa “afinal perguntou-lhe o nome” (HE, p. 44). “- Olímpico de Jesus Moreira Chaves, mentiu porque tinha como sobrenome apenas o de Jesus, sobrenome dos que não tem pai” (HE, p. 44).

“Macabéa e Olímpico [...] a heroína romântica e o vilão realista [...]” (GOTLIB, 1995, p. 470) são alicerçados por um mesmo material: o material nordestino. Oriundos do sertão trazem em si os vestígios do preconceito e da ignorância. Por serem de sexos diferentes funcionam sob distintos estereótipos, mas, assumem o modelo de “gente” vinda do nordeste. Olímpico é o homem nordestino, ambicioso, arretado... cabra da peste, que desconstrói o preconceito dedicado à Macabéa enquanto mulher nordestina, por ser homem, possui características que o representam fervorosamente, assumindo uma postura de “homem” interesseiro e dominador. Subproduto da sociedade patriarcalista, ele prolifera o retrato do nordestino viril e valente. Era invejoso, desejava ser o outro, possuir o do outro, preenchendo-se de mentiras ele consegue legitimar-se, confirmando seu lugar no meio social do Rio de Janeiro.

Olímpico surge (des)configurando o eu de Macabéa. É na presença de Olímpico que ela dá seus primeiros passos rumo à afirmação de sua existência: fala seu nome, tenta a comunicação, cria sentimento e desejo.

Ela sabia o que era o desejo – embora não soubesse que sabia. Era assim: ficava faminta mas não de comida, era um gosto meio doloroso que subia do baixo-ventre e arrepiava o bico dos seios e os braços vazios sem abraço.

Tornava-se toda dramática e viver doía. Ficava então meio nervosa e Glória lhe dava água com açúcar. (HE, p. 45).

Macabéa é teleguiada pelas emoções, “[...] ela já o amava tanto que não sabia mais como se livrar dele, estava em desespero de amor” (HE, 44). Ela parece conhecer a “companhia” quando saboreia dos encontros com Olímpico, mas, retoma com toda força a solidão quando abandonada por ele. O sertanejo a fazia sentir o melhor e o pior que podia ser... a moça, ingênua, não se dava conta disso.

Macabéa e Olímpico são indivíduos diferentes: na ambição, nos desejos, na posição social e nos sentimentos, “[...] Macabéa ao contrário de Olímpico, era fruto do cruzamento de “o quê” com “o quê”. Na verdade ela parecia ter nascido de uma ideia vaga qualquer dos pais famintos” (HE, p. 58), era pobre, feia e mal cheirosa. Olímpico de Jesus, nordestino ambicioso, infiel e com um dente de ouro, era “[...] o namorado machista e colega nordestino [...] cujo nome se adequa às dimensões de sua crassa ignorância e ego inflado; seu explosivo empregador e a encarnação da selva capitalista [...]” (SILVERMAN, 1998, p. 221). Homem movido pelos interesses sociais, interessava-lhes os negócios públicos, tinha desejo de ser açougueiro e depois deputado estadual, “[...] Olímpico lhe dissera que terminaria como deputado pelo estado da Paraíba, ela ficou boquiaberta e pensou: quando nos casarmos então serei uma deputada? Não queria, pois deputada parecia nome feio” (HE, p. 47).

Ambos são sertanejos que saboreiam vivências diferentes, existem moldados por distinto fundo social, são a representação do açoitamento nordestino e suas relações na sociedade opressora e excludente. Olímpico inunda de sentido a vida de Macabéa quando se relaciona com ela, mas lho tira quando a troca por Glória (sua colega de trabalho).

Olímpico na verdade não mostrava satisfação nenhuma em namorar Macabéa – é o que eu descubro agora. Olímpico talvez visse que Macabéa não tinha força de raça, era subproduto. Mas quando ele viu Glória, colega de Macabéa, sentiu logo que ela tinha classe (HE, p. 59).

Glória e Olímpico são os principais (des)construtores da identidade de Macabéa. Vias de acesso por onde se descortinam novos mundos. Termômetros que a possibilita conhecer o grau mínimo e máximo de si. São inquestionáveis os motivos que levaram Olímpico a predileção por Glória, esta,

Possuía no sangue um bom vinho português e também era amaneirada no bamboleio do caminhar por causa do sangue africano escondido. Apesar de branca, tinha em si a força da mulatice. Oxigenava em amarelo-ovo os cabelos crespos sujas raízes estavam sempre pretas. Mas mesmo oxigenada ela era loura, o que significava um degrau a mais para Olímpico. Além de ter

uma grande vantagem que nordestino não podia desprezar. É que Glória lhe dissera, quando lhe fora apresentada a Macabéa: “sou carioca da gema!” Olímpico não entendeu o que significava “da gema” pois esta era uma gíria ainda do tempo de juventude do pai de Glória. O fato de ser carioca tornava-a pertencente ao ambicionado clã do sul do país. Vendo-a, ele logo adivinhou que, apesar de feia, glória era bem alimentada. E isso fazia dela material de boa qualidade (HE, p. 59).

O ser de Glória: carioca, oxigenada e de classe média baixa é o sonho material de Macabéa por possuir atributos que chamam atenção; formosa, exuberante, cabelos loiros oxigenados, bem nutrida, comunicativa e profissional. Ela é a contraposição de Macabéa, tinha aquilo que faltava a nordestina, tornando-se superior. “Glória, a colega loura e queimada de sol, esperta e aspirante social, enfim, nada parecida com o seu nome sagrado [...]” (SILVERMAN, 1998, p. 219), é para Macabéa a “mulher” que gostaria de ser, “[...] um estardalhaço de existir” (HE, p. 61).

Olímpico descobrira que Glória tinha boa referência familiar, “[...] isso tornava-a material de primeira qualidade” (HE, p. 59-0). Ao descobrir que a moça era filha de um açougueiro, imaginou ser essa a chance de alavancar socialmente. A carioca era para Olímpico uma questão de aquisição.

Aos poucos, o namoro dos nordestinos esfriara, era um casal sem reciprocidade, alheios ao romantismo. Como já era previsto, deu-se o desmanchamento daquele namoro esquisito. Macabéa estarrece quando escuta Olímpico falar que encontrou uma moça e que esta era Glória. Diante do seu olhar aturdido, querendo suavizar a situação, ele lhe diz: “- Você, Macabéa, é um cabelo na sopa. Não dá vontade de comer. Me desculpe se eu lhe ofendi, mas sou sincero” (HE, p. 60). Perdida, mas, sem saber porque, “[...] pôs-se sem mais nem menos a rir. Ria por não ter se lembrado de chorar” (HE, p. 61). Quando a troca por glória, Olímpico a condiciona novamente à solidão e ao vazio de uma vida agonizante, fazendo-a se sentir o pior que pode ser. Se é que a moça podia ser alguma coisa.

Inocente, Macabéa não conserva em si nenhum sentimento por Glória, continuara o contato com ela no escritório, às vezes estonteava-se com seu jeito, com seu cheiro e com a água de colônia de sândalo que a enjoava, Macabéa nada dizia, engolia Glória a seco, pois, ela “[...] era agora a sua conexão com o mundo” (HE, p. 64). A carioca dourada e “da gema” é remédio para uns e veneno para outros, foi o divisor de águas na vida de Macabéa, quando se sentindo culpada por ter-lhe roubado o namorado, incentivou e emprestou o dinheiro para que procurasse a cartomante, conduzindo-a indiretamente à morte/vida. Fora lá onde a sertaneja viu realizarem-se todos os seus desejos: a liberdade, o príncipe encantado, a hora de estrela.

Caetano Veloso e Waly Salomão, pela voz de Macabéa, descrevem Glória, Olímpico e a própria Macabéa em seus poemas-canção: *Da gema, Campeão Olímpico de Jesus e A hora da estrela de cinema* de forma eloquente. Utiliza a própria Macabéa para expressar suas características e seus sentimentos com relação aos personagens. Quando fala de si, ela expressa a beleza, o brilho e o fervor de um ser mulher mais importante em essência do que em matéria. Enaltece-se, embora se reconheça como ser fisicamente sem vigor. Descreve e condiciona-se ao pouco que é, ao corpo franzino, esquisito e jururu. Mulher inconsciente, inerte e opaca, submetida a uma existência arriscada e uma experiência humana inelutável.

Embora minha pele caqui  
 Sem rosa ou verde  
 Sem destaque  
 E minha condição mofina, jururu, panema  
 Embora envolta  
 Há uma certeza em mim  
 Uma indecência  
 Que toda fêmea é bela  
 Toda mulher tem sua hora  
 Tem sua hora de estrela  
 Sua hora de estrela de cinema  
 Capibaribe, Beberibe, subaé, Francisco  
 Tudo é um risco só  
 E o mar é um mar  
 E eu quase, quase não existo  
 E sei, eu não sou cega  
 O mundo me navega  
 E eu não sei navegar

[...] <sup>5</sup>

Macabéa, quando descreve os rios que conhece faz uma colocação metaforicamente perfeita. Compara vida e travessia marítima, julga-as como aventuras de risco que se devem correr e percorrer; reflete sua impossibilidade e fraqueza perante o mundo e sua condição submissa e alienante.

Ao descrever Olímpico, seu namorado tão incomum – nordestino, marginalizado e ignorante, diferente pelos sonhos, pela arrogância, pela agressividade e impaciência – ela narra a grandeza do homem sertanejo na figura de sua primeira paixão. Waly Salomão através da jovem, desmistifica Olímpico,

Luz crua do sertão, crua luz do sertão  
 O nosso campeão nasceu, cresceu chapado  
 Filho de mãe sábia e pai enviesado

---

<sup>5</sup> Fragmento do poema – canção: *A hora da estrela de cinema*, retirado do artigo: *A Hora da Estrela: a representação da representação dos personagens de Clarice Lispector por Caetano Veloso e Waly Salomão*.

Lua do sertão, luz crua do sertão  
 Neste vale de pus, sobrenome Jesus  
 Apelido visual de quem não viu nem cor  
 E nem cheiro de pai  
 Que a dolorosa mãe carregue a sua cruz  
 Sem destapar um ai  
 Sertão de crua luz  
 Casca de jaca dura, Olímpico bicho de jaca  
 Luz crua do sertão, crua luz do sertão  
 Tocha, pira, graveto, agave, falo, espeto  
 Cabra macho esquisito, sopro de 7 vidas  
 Dum anjo gato frito  
 Cabra macho esquisito  
 Luz crua do sertão, crua luz do sertão  
 Dente pivô de ouro, dente que cintila,  
 Boca que gargalha, dente que rebrilha,  
 Boca de lanterna que nunca carece  
 De trocar pilha  
 Casca de jaca dura, Olímpico bico de jaca  
 Luz <sup>6</sup>

Olímpico, nordestino pobre, inescrupuloso, vai para metrópole carioca disposto a vencer na vida. Pobre, junta desde a juventude quando morava em sua cidade natal, salários e salários para arrancar um dente e trocá-lo por outro de ouro. O pivô de “ouro” talvez fosse sua singular e inusitada característica, seu único predicado de valor.

Para falar de Glória, Macabéa pensa num “bom prato”, desejado e succulento e ao mesmo tempo a compara com estranheza a um ovo estrelado na tela de cinema. Reconhece que a carioca da gema, como se apresentara, não possuía nada de sua ingenuidade e fraqueza, era outra, astuta e engenhosa.

Da gema  
 Ovo estrelado na tela de cinema  
 Ela é carioca da gema  
 Ovo estrelado na tela de cinema  
 [...]

Loira, morena  
 Mulata que se oxigena  
 Galinha de pretas penas  
 Finge ser rosa e amarela  
 Será que ela se tingem  
 Inteira e até onde?  
 Será que até oxigena os íntimos pelos que esconde?  
 [...]

Refeição farta, contra-filé de primeira  
 Matriz, Império e Mangueira,  
 Produto, anúncio e cartaz

---

<sup>6</sup> Fragmento do poema – canção: *Campeão Olímpico de Jesus*, retirado do artigo: A Hora da Estrela: a representação da representação dos personagens de Clarice Lispector por Caetano Veloso e Waly Salomão.

Ela é carioca da gema  
Ovo estrelado na tela de cinema<sup>7</sup>

Glória, morena que tingem os pelos do corpo de dourado, adquirindo os adornos de mulata brasileira, é comparada por Macabéa como uma “boa comida” e bebida posta à mesa. Acredita ter sido sua gordura e seus trejeitos os motivos que levaram Olímpico a preferência por ela, “Era uma safadinha esperta, mas tinha força no coração” (HE, p. 64).

Caetano e Waly quando criam os poemas-canção, transferem despropositadamente um pouco de si para o texto, já que viveram momentos semelhantes aos de Olímpico e Macabéa e são nordestinos como eles, que invadiram a cidade metropolitana em busca de melhorar a vida. Ambos descortinam a obra através dos poemas, metaforizando o que foi dito no texto clariceano.

Há controvérsias entre os mundos construídos por Clarice Lispector. Ela cria institivamente uma Macabéa “sem eira nem beira”, alicerçada sob a tolice, a inocência e a fragilidade, consolidando a ideia de que o sertanejo é “fraco”. Projeta um Olímpico medíocre, mesquinho e desleal, moldado para representar o “cabra da peste” do nordeste e uma Glória ativa, sensual e voraz, trazendo a luz a “carioca da gema”, embora não fosse. Nessa tríade, o que seria da pobre Macabéa? Nada, assim como foi. Submeteu-se a viver sob os comandos desses impetuosos indivíduos, provocando neles um irrisório sentimento, o de pena, negando sua existência e subtraindo-a inexoravelmente ao pouco que é.

Sob Macabéa pesa a marca social da subalternidade, marginalidade e exclusão. Indivíduo completamente despossuído: sem dinheiro, sem família, sem atrativos, sem cultura. É uma não-pessoa que busca a definição de sua identidade quando se confronta com os seus “outros”. Ela é o avesso de si mesma, envolve-se com o outro e se opõe a ele numa relação de identificação, tornando-o uma possibilidade de existência.

### **2.3 Afirmação de uma existência negada: um rebotalho de gente**

Somos seres indecisos trafegando entre o mundo fechado das certezas consolidadas e o porvir incerto da destruição das antigas esperanças [...] (SANTOS, 200, p 155).

Macabéa vive num malabarismo cruel entre o equilíbrio e o desequilíbrio, procura uma “saída discreta pela porta dos fundos” como sugere um dos títulos do romance. Ela busca

---

<sup>7</sup> Fragmento do poema – canção: *Da gema*, retirado do artigo: A hora da estrela: a representação da representação dos personagens de Clarice Lispector por Caetano Veloso e Waly Salomão.

no seu tão resumido espaço a libertação que carece para viver. No mundo de dor onde vive a nordestina, já não se sabe qual seu desejo. Queria ela encontrar-se? “Encontrar-se consigo própria era um bem que ela até então não conhecia” (HE, p. 42). Talvez, em algumas circunstâncias, seja melhor perder-se, pois encontrar-se com ela mesma causava dor. Para ela entender-se era uma questão de querer e ela não queria... existir bastava:

E acontece que não tinha consciência de si e não reclamava nada, até pensava que era feliz. Não se tratava de uma idiota, mas tinha a felicidade pura dos idiotas. E também não prestava atenção em si mesma: ela não sabia (HE, p. 69).

Oscar Pilagallo em artigo cedido à revista *Entre livros*, afirma que Macabéa é um ser que não corresponde às exigências da sociedade técnica e manipuladora. Ela é um ser mudo que vive o pouco que lhe cabe com a paciência de quem se reconhece como alguém insignificante. A nordestina era sensível e alienada por defesa, vivia o fantochismo apregoado pelos homens. Tudo nela foi descompasso, perdição e desamparo, caracterizando-se como a expressão da angústia e matéria-prima do descontentamento. Existiu sob as margens do indizível, do inexplicável... Foi um ser em contínuo processo de construção, alguém com simplicidade de alma, “[...] não sabia que ela era, assim como um cachorro não sabe que é cachorro” (HE, p. 27). Foi um misto de estranhamento e reconhecimento, carregou em si a humildade e simplicidade, herança do sertão. Macabéa é um ser por terminar... movida pelos afetos e emoções; é uma voz que não se ouve.

Estrangeira do seu próprio eu, ela é indiferente consigo, com o outro, com as coisas. É a máscara do oprimido, do excluído! Máscara do homem que vive em desigualdade com o mundo. Macabéa é carente, carente de afeto, de família, de amigos, de história, de momentos... Maca é carente de vida. A sua atmosfera foi recheada de clichês: coca-cola, sanduíche, rádio-relógio e solidão.

A moça é uma desconhecida de si e para si mesmo, pouco se interessa em saber, entender não estava nos seus planos, aceitou ser tudo aquilo que podia, “Acho que não preciso vencer na vida” (HE, p. 49). Macabéa queria ser gorda, enxergava a gordura como ideal de formosura. Queria ser feminina, sentir-se mulher, ter cheiro natural de mulher, sonhava um dia ser como Marilyn Monroe – imagem idealizada de beleza. Sua figura, seu jeito, sua incomunicabilidade prejudicava seu desenvolvimento, a falta de jeito com as palavras impedia seu contato com as pessoas que conviveu no trabalho, na pensão, na rua. Ela se apropria do que escuta na rádio-relógio para se comunicar, tornando seu diálogo cansativo e irritante.

Vítima da violência social, a sertaneja tem sua identidade (des)construída pela sociedade que a fabricou, teve sua existência negada desde a vivência com a tia na infância, quando no nordeste não podia viver por si, sofrendo opressão e repressão. Por sentir-se na obrigação de cuidar da sobrinha, a tia velha privou a menina de “ser quem podia ser” reduziu-a ao seu mundo nocivo e autoritário, transformando-a em instrumento de exploração e obediência. Macabéa era correta apenas quando abaixava a cabeça e aceitava inocentemente as ordens da tia.

A sertaneja foi fruto dos dominadores, protagonizou a novela de sua vida de forma mecânica, automática e obediente. Foi o esboço das convenções sociais que encarceraram o homem. Trouxe em si certo estranhamento, existia nela um quê de debilidade e alienação. Ninguém no mundo é tão “deslembrado” de si... Macabéa era. A jovem acreditava não servir para nada, para ninguém. Como poderia ela ser alguém ou alguma coisa? Era uma mulher seca... no corpo, na imagem, nas palavras. O mundo não estava preparado para recebê-la, ela era um incômodo quando reclamava; quando obedecia.

A moça apresenta e representa uma sociedade oprimida, advinda do nordeste e amordaçada pela opressão do sistema, sua existência é marcada por fatos comuns, compartilhados entre diferentes modos de ser e existir. É vulnerável, é um indivíduo sem patologia – apenas uma mulher singular, aglutinada a tantos outros modos de ser. É carente, nada a alegra ou a entristece, suas ações não correspondem aos acontecimentos de sua vida, se triste Macabéa sorri se alegre não faz nada. Vive imersa na falta de significação, tornando cada vez mais difícil compreender o sentido de sua vida.

Macabéa – metropolitana – carrega em si “sequelas” do seu passado. Sem perspectiva de vida, a moça existia sob a luz do comodismo e da aceitação. No seu caso, aceitar era mais cômodo do que viver com a sombra da infelicidade, pois do seu jeito, pobre jeito, a moça era feliz. “Eles disseram que se devia ter alegria de viver. Então eu tenho” (HE, p. 51). Conformava-se, pois, não conhecia outras formas de felicidade.

Paulo Evangelista em seu artigo *Se Macabéa tivesse feito terapia... considerações sobre a clínica daseinsanalítica*<sup>8</sup> esclarece que o ‘eu’ não é uma entidade pronta, precisa ser preenchida por cada um, desse modo, o ‘eu’ de Macabéa, aquilo que ela é, só se torna compreensível a partir dos acontecimentos de sua vida. É evidenciado: Macabéa só é Macabéa diante da existência do outro, o outro possibilita encontrar-se consigo mesma, ainda

---

<sup>8</sup>Artigo disponível no site: [http://www.fenoe grupos.com/JPM-Article3/pdfs/Evangelista\\_Macabea.pdf](http://www.fenoe grupos.com/JPM-Article3/pdfs/Evangelista_Macabea.pdf). Acesso em: jul. 2012.

que suas relações sejam padecidas. Ela se define através do outro, existe e tem sua existência negada, quando abandonada e enganada por todos.

É plausível o questionamento quanto ao “ser” e ao “ter” de Macabéa, tudo nela é negativo, ela não é isso, não é aquilo, tudo é não, tudo é negação. Até quando consegue ser alguma coisa, isso se torna negativo, é virgem, feia e pobre, tudo que a inferioriza e diminui. Existem poucos momentos em que ela se afirma como “ser”, esses raros momentos acontecem quando, sob os fluxos de consciência, ela retorna aos fatos de sua vida, reafirmando aquilo que é.

Macabéa tem uma experiência de vida castradora. É “coisa” construída, é a mais pura obra de arte que representa o naufrágio humano, pouco sabe da vida e do mundo e isso a justifica. É sucumbida pela miséria humana, abortada pelo patriarcalismo social, sobrevive ao tédio confortante, ao existir agonizante, ela transborda de tolice quanto a sua vida, dura num “isolamento existencial” que a reduz ao atraso, ignorância e alienação. É um ser aprendente e imaturo, mesmo atingida por uma precária condição social e psicológica, Macabéa não era antissocial, ela relacionava-se com o outro. Relacionar-se com o outro era tudo que sabia fazer, mesmo que suas relações fossem frustrantes. A moça foi infinitamente perdida em seus conflitos interiores, pouco se expressou, pouco se realizou. Retida em seu imaginário, viveu sob o ranço do preconceito social desenvolvido pela sociedade estereotipada, refletindo a situação de exclusão.

A sertaneja é descrita na obra como a personificação da pobreza humana, repudiada por si mesmo e pelo mundo em que vive. É a amargura de uma sociedade que valoriza o ter e não o ser, privilegiando a riqueza, o lucro, a beleza e o estético. Pobre Macabéa! É produto do submundo, metaforiza a história de tantos outros nordestinos que abandonam seu interior para arriscar a vida na grande metrópole.

Macabéa se esgota e nos esgota... Leva-nos a refletir a má condição existencial a que estamos subordinados. É, pois, o retrato do pobre conformado e submisso que ignora sua parca existência, simplesmente por achar que o fato de “existir” é suficiente. Ela é vazia, neurótica, sozinha, calada... “Tinha o que se chamava de vida interior e não sabia que tinha. Vivia de si mesma como se comesse as próprias entranhas” (HE, p. 38). É o grito mudo da solidão. Tratada com violência social, desrespeito e humilhação, corresponde aos maltratos com submissão e conformismo, reunindo em si as condições de exclusão: pobre, nordestina e mulher.

A nordestina é fraca, fraca com todas as suas forças, deixa-se levar facilmente pelas palavras alheias, comportando-se de forma vulnerável, caminhando para um destino cruel que acaba por destruí-la. É o preposto das violências causadas por sua própria existência, perde os pais quando criança; vive sob os (des)cuidos da tia velha; segue para a metrópole sem amor, sem amigos, sem dinheiro e sem amparo, é “[...] matéria-prima que foge a contingência, enquanto essência vital, à margem da cultura e da própria invenção, já que, sendo a coisa, não precisa forjá-la, ou criá-la: ela é” (GOTLIB, 1995, p. 468). Complexa é Macabéa ora alienada ora resistente, capaz de aceitar o que a vida lhe apresenta com uma simplicidade particular. Tem grandeza de alma, é forte mesmo estereotipada, é paciente feito anjo-mulher. Aprendeu com e no sertão a suportar as chuvas tempestivas que inundavam e devastavam sua existência.

Os parágrafos que dividem a vida da personagem são assinalados por momentos privilegiados que a permite alcançar o “sublime” da vida. Esses momentos são de glória, libertação e revelação. Macabéa ganha forma e conteúdo sob a existência de inúmeros fatores, mas, sua vida só ganha sentido quando experimenta a magia do instante revelador que a liberta de uma existência agonizante. Esse momento considerado epifânico, acontece quando, no encontro com a cartomante, a sertaneja se descobre possuidora de um “[...] maravilhoso destino” (HE, p. 78) com direito a príncipe encantado, “hora de estrela” e chuva caindo.

### 3 A HORA DA ESTRELA: UMA VIDA EPIFÂNICO-DIGRESSIVA

Que não esperem, então, estrelas no que se segue: nada cintilará, trata-se de matéria opaca e por sua própria natureza desprezível por todos. É que a esta história falta melodia contabile. O seu ritmo é as vezes descompassado. E tem fatos. (HE, p. 16)

A *Hora da Estrela*, ficcionalmente falando, é inundada de características sociais e psicológicas que se expressam através da nordestina perdida no espaço carioca – onde começa a construir sua identidade. Quando descreve Macabéa, Lispector explana sua submissão ao outro, ao mundo e as coisas. Apresenta sua forte tendência ao fracasso, alienação e conformismo. “Maca é nordestina, toda fome e deserto” (SÁ, 1979, p. 271), ela contorna o espaço do “quase”, consigo, as coisas permanecem sempre inconclusas; nada a completa, suas grandezas vivem de aparência, seus valores são deturpados, as coisas existem por demais ou não, e mesmo aquilo que é pequeno, insignificante, ganha um novo sentido que ultrapassa seu valor real. Macabéa experimenta e enfrenta um conflito que não é social, mas sim, existencial, que a faz conviver com a deficiência de ser o que é.

A produção de Clarice é “caótica, intensa e inteiramente fora da vida” (GOTLIB, 1990, p. 52), ela escava um espaço de inflexões e cria o mundo macabeano marcado pelo vazio... vazio como condição essencial de existência. Nascimento (2012, p. 102) diz que para Clarice tudo “[...]vem por meio de um acontecimento que antecede e ultrapassa os seres e as coisas envolvidos [...] a crítica nomeou “epifania” a esses quase eventos”. A escritora assume uma escrita que germina a partir do mistério, do inesperado. É sob essas condições que vive a protagonista Macabéa, ela existe “prenhe” de futuro e a espera do grande momento, identificado aqui como epifânico. Esse processo vivido pela personagem desfigura seu mundo e faz surgir outro, mais fascinante. Esse momento de tensão conflitiva é o [...] verdadeiro êxtase diante das coisas que a paralisa e esvazia por instantes sua vida pessoal (NUNES, 1929, p. 81).

O silêncio e a solidão são familiares a Macabéa, a pobrezinha é toda: isolamento, angústia e vazio. Ela transita as vias do trágico e do sofrimento. “[...] Macabéa, entrega-se ao abandono que só os despossuídos alcançam” (MONTENEGRO, 2001, p. 168). Tem sua passagem terrena, marcada pela dor, pela (in)satisfação, pela miserabilidade. Seus momentos aconteceram ao Deus dará, a disposição do acaso, do incontrolável, do aleatório e do finalmente “fatal”.

Macabéa – símbolo dos oprimidos – é a expressão do mal acabado, deformado, disforme. Alguém que teve sua vida submetida a uma infinita série de possibilidades e a momentos transitórios e decisivos que fizeram-na conviver com o luxo e a miséria do “ser”, de um ser que é percebido diante de muitas dificuldades.

Sua existência foi subtraída ao nada. “Tudo”, ela só conseguiu ser, quando alcançou o brilho de estrela, ainda que ofuscada pela escuridão da morte. “Estrela de cinema ela só o será mesmo no fim, quando tiver de viver, sem nenhum ensaio, a morte” (SÁ, 1979, p. 271). Tomada pelo vazio, pelo nada, pelo quase e pelo tudo, a moça deslizava no capim molhado e abraçava a morte, que para ela, era sinônimo de vida, e vida plena! Foi esse o momento em que Macabéa pareceu encontrar sua imagem perdida no espelho, podendo ver refletindo no espaço a sua própria luz.

### 3.1 Era uma vez um príncipe e uma cartomante: a epifania clariceana

É um clímax dramático e irônico quando Macabéa é atropelada por um carro de luxo, dirigido pelo tipo de estrangeiro que seria seu par, referido minutos antes por uma vidente, e que cruzaria seu caminho deprimente e sombrio (SILVERMAN, 1998, p. 220).

Lispector é um ser fragmentado, sua escrita baseia-se em momentos epifânicos, intenções e reações diárias, exaltações, fluxos de consciência, introspecção, episódios inusitados e cotidianos que funcionam como *flash* – momentos de ruptura que permitem aos seus personagens refletir a vida e sua real condição humana. As obras clariceanas são compostas pela presença dos universos íntimos e sensíveis que apostam na busca pelo momento epifânico<sup>9</sup> e na história inspirada dia após dia. O julgamento de epifania segundo o dicionário de Teologia bíblica é um conceito central do mundo hebreu, que apresenta coincidências exteriores com fenômenos semelhantes do mundo.

Na escrita contemporânea, a epifania é um momento de revelação que faz ter uma visão mais densa da vida e das relações entre as pessoas. É uma aparição, transformação da vida rotineira, processo mediante o qual um acontecimento ou um pensamento se vê revestido de uma beleza perene. O momento epifânico é uma passagem em que a realidade exterior aparece carregada de um significado metafísico para quem a percebe. Funciona como o

---

<sup>9</sup> Afonso Romano (1973) descreve a epifania clariceana como um momento necessário e insustentável de tensão, considerando-a ora como técnica ora como mero motivo, constituindo uma realidade que é percebida, ouvida e sentida.

clímax ou a resolução de uma história ou episódio, é “[...] uma experiência aparentemente rotineira, que assume a força de uma revelação do êxtase, fundindo eu/mundo” (MORAES, 2000, p. 124).

Segundo Álvaro Lins (1963), epifania é a apresentação da realidade em sonho, esse momento epifânico produz um efeito de luz e brilho. Moisés (*apud* SÁ, 1979, p. 165) refere-se ao momento epifânico como:

[...] um instante de revelação, em que as personagens clariceanas jogam seus destinos, evidenciam-se por uma súbita revelação interior que dura um segundo fugaz, como a iluminação instantânea de um farol nas trevas e que, por isso mesmo, recusa ser apreendida pela palavra.

A epifania é um momento de deslumbramento, não precisa ser extraordinário ou chocante, basta que seja revelador, “[...] momento privilegiado sob o aspecto de descortínio da existência, maldição e fatalidade sob o aspecto de ruptura, esse instante assinala o clímax [...]” (NUNES, 1929, p. 81). O instante de epifania enfeita os acontecimentos diários e transfigura-os em efetiva descoberta do real. Clarice Lispector voluntaria e conscientemente ou não, representa a realidade de um jeito esperto, tornando-se um fenômeno da epifania, de acordo com Sá (1979, p. 199):

Seus momentos epifânicos não são necessariamente transfigurações do banal em beleza. Muitas vezes, como marca sensível da epifania crítica, surge o enjôo [*sic*], a náusea. A transfiguração não é radiosa, mas se faz no sentido do mole, do engordurado, do demoníaco.

Alguns autores desenvolvem a epifania como uma das formas de fluxo de consciência<sup>10</sup>, como feixes e descobertas concretas e existenciais. Os *insights* epifânicos são como pontes de ligação entre o mundo interno e o mundo externo dos personagens, sendo ainda,

[...] a expressão de um momento excepcional, em que se rasga para alguém a casca do cotidiano, que é rotina, mecanicismo e vazio. Mas é também defesa contra os desafios das descobertas interiores, das aventuras com o ser. Por isso a epifania é sempre um momento de perigo, a borda do abismo, da sedução que espreita todas as vidas (SÁ, 1979, p. 134).

A epifania é “[...] um momento de êxtase, que gostaríamos de prender entre os dedos [...]” (WALTER *apud* SÁ, 1979, p. 170), uma nova forma de vê o mundo, um tipo novo de

---

<sup>10</sup> A epifania é um dos recursos do fluxo de consciência visto como um processo catártico em que o sujeito se descobre existencialmente como tal. É, portanto, “[...] uma das formas de realização do fluxo da consciência, que busca transformar o mundo psíquico numa realidade tão verdadeira quanto à realidade sensível externa” (LOBO, 2007, p. 64).

experiência intelectual e emotiva. São intervalos de vida que preenchem o homem para depois transbordá-lo. É a percepção dos detalhes que (des)configura o aparentemente lógico. Para Nunes (1995) a epifania é como um “descortino silencioso” que dá luz a vida.

O momento epifânico é a manifestação ou percepção do significado essencial de uma “coisa”, aquele instante de revelação que nasce do tédio e da banalidade, roubando as personagens de forma abrupta. Existe, pois, de tal forma que ao passo que liberta, aprisiona, amedronta e intimida. É “[...] a revelação informe de uma coisa essencial que de repente se fixa” (Milliet, *apud* SÁ, 1979, p. 164). São minutos onde o habitual desdobra-se em transcendências surpreendentes e de tal grandeza, que tudo o que houve antes daquele momento revelador, torna-se suspeito e ínfimo, aspirando um silêncio ou estrondo. A epifania se identifica, por vezes, com um “instante existencial” no qual as personagens se lançam aos seus destinos e se evidenciam. O momento de epifania ultrapassa as instâncias da expectativa, revelando “algo” que mudará a vida e o “eu” de seus personagens, libertando-os de um cotidiano alienante, amortizando a vida e possibilitando-os experimentar súbita e repentinamente, o êxtase e a glória de existir. Essas revelações fulminantes permitem que o indivíduo viva, em essência, uma metamorfose.

Depois de atingido o êxtase momentâneo, o ser clariceano aceita a vida e deixa-se entrecortar pela realidade, seus instantes de deslumbre são provenientes da consternação existencial, fruto das violentas emoções causadas por suas angústias. Esses momentos existem diante da ameaça do “nada” que circunda a existência humana. Após o fascínio do momento epifânico, o indivíduo renuncia seu passado e constrói um futuro, quando se tornará mais objetivo a identificação do “ser” e a descoberta da essência de “estar” no mundo.

Macabéa sofre uma explosão interna que a faz se redescobrir e descobrir algo que mudará sua vida por completo. Isso se dá quando a moça, no encontro com a cartomante, recebe uma sentença de vida e morte. A velha cartomante incute na pobre nordestina a (in)consciência da própria tragédia e, simultaneamente, a esperança. Macabéa é atraída a uma dolorida viagem introspectiva que resultará numa transformação íntima radical, de onde insurgirá transformada e sem encontrar espaço em seus próprios dias. A cartomante demonstrou ter pela sertaneja uma consideração, tratando-a com um carinho que nunca havia recebido antes. Narrou seu passado e presente e quanto ao seu futuro nada de bom podia dizer, quando...

[...] de repente aconteceu: o rosto da madama se acendeu todo iluminado:

- Macabéa! Tenho grandes notícias para lhe dar! Preste atenção minha flor, porque é da maior importância o que vou lhe dizer. É coisa muito séria e muito alegre: sua vida vai mudar completamente! E digo mais: vai mudar a partir do momento em que você sair da minha casa! (HE, p. 76).

A moça que nunca tinha se dado ao luxo de ter esperança, sentiu-se contemplada ao ouvir as palavras da madame. “Assim como havia sentença de morte, a cartomante lhe decretara sentença de vida. Tudo de repente era muito e muito e tão amplo que ela sentiu vontade de chorar” (HE, p. 79). Pela primeira vez alguém lhe dava esperança de futuro; futuro bom! A cartomante lhe fala do dinheiro que vai entrar pela porta, do estrangeiro que ingressará na sua vida, prometendo-lhe amor e mudando-a para sempre. “Ele é alourado e tem olhos azuis ou verdes ou castanhos ou pretos [...] esse estrangeiro parece se chamar Hans, e é ele quem vai se casar com você!” (HE, p. 77). Foram honrosos os presságios da “madama”... dinheiro, estrangeiro de olhos azuis e amor eram muita felicidade, era felicidade graúda. “Estava meio bêbada, não sabia o que pensava, parecia que lhe tinham dado um forte cascudo na cabeça de ralos cabelos, sentia-se tão desorientada como se lhe tivesse acontecido uma infelicidade” (HE, p. 78). A cartomante a enchera de vida, de esperança e de satisfação, permitindo-a encontrar um sopro de vida na saída do casulo.

Grávida de sonhos, Macabéa emerge nova, segue na ânsia de viver seu futuro brilhante, “[...] ficou um pouco aturdida sem saber se atravessaria a rua pois sua vida já estava mudada[...]. Até para atravessar a rua ela já era outra pessoa. Uma pessoa grávida de futuro. Sentia em si uma esperança tão violenta como jamais sentira tamanho desespero” (HE, p. 79). Tomada de uma emoção profunda, a outra... a nova Macabéa, desceu à calçada, atravessou a rua e seu destino sussurrou: “[...] é agora, é já, chegou minha vez” (HE, p. 79). Nesse momento, a nordestina viu se concretizar todas as predições da cartomante, esse foi o instante em que sua vida foi mudada, e mudada não só por palavras, mudada por atitudes. Após atravessar a rua, “[...] enorme como um transatlântico o Mercedes amarelo pegou-a [...]” (HE, p. 79). Depois de atropelada a moça vive todo prazer e desprazer de encontrar-se com seu futuro prometido, sendo empurrada aos (des)caminhos da felicidade. Vendo realizarem-se as promessas, pensa ingenuamente “[...] hoje é o primeiro dia de minha vida: nasci” (HE, p. 80).

Existem vários elementos epifânicos presentes nesse momento da vida de Macabéa, “[...] a visão transfigurada, o deslumbramento da beleza mortal, a contemplação, o silêncio sagrado [...] a revelação da vida, o arroubo, [...] a glória” (SÁ, 1979, p. 194). Essa ocasião epifânica é a mais expressiva na vida da protagonista, é quando encontra promessa de vida através da cartomante que adivinha o futuro “errado” e do príncipe (des)encantado. Nesse

processo, ela vive os momentos de glória e dor, pairando sob um “estado de graça” que a preenche por sentimentos e emoções intensas, maiores que a razão, maiores que o sofrimento. A nordestina tentou vencer sua inutilidade, mas, submergiu em sua própria ingenuidade, confirmando seu não lugar no mundo. Ela morre cheia de vida, deslumbrada pelo gozo momentâneo de felicidade, que dura uma fração de segundo.

### **3.2 Um arremedo de vida: subtração da narrativa macabeana**

Morrendo ela virou ar/ som/ voz/ linguagem; luz/  
fogo/ chama/ estrela; água/ mar/ suco/ plasma;  
terra/ húmus/ seiva/ vida (SÁ, 1979, p. 279).

Macabéa faz brotar exaustivamente suas experiências, suas angústias e seus questionamentos, foi podada pelos conflitos sociais, existenciais e culturais aos quais resistiu até a “morte”. Administrada por uma sociedade tecnológica que a impediu de viver livre e feliz, morrer foi ganho! Sua existência se desvela não quando nasce, mas quando morre – único momento em que se realiza. Nesse aspecto, a morte sobressaiu à vida, negando seu sentido. Contraditoriamente a nordestina precisou morrer, para assim, ser feliz. Possuidora de um cotidiano alienado e alienante, Maca desconhece seu valor existencial, sua vida não é vida, e sua morte, por incrível que pareça, é uma sublime satisfação, vive na “[...] agonia do prazer que é morte” (HE, p. 83).

A sertaneja passou todo o tempo sufocando-se; ora fugindo ora enfrentando as situações a que era exposta. Sacrificou seus pensamentos e sentimentos, manejou com maestria os elementos da solidão e confiou sua existência ao surreal. Foi um ser-objeto aprisionado por atos, fatos e palavras. Ao morrer, atesta sua vida inconquistável e seu futuro impossível. Morre quando “[...] se insurge como sujeito que deseja o outro, arriscando-se a construir ou inventar uma história sua, impossível num sistema fundado nos horrores da discriminação” (GOTLIB, 1995, p. 470).

“Macabéa tenta sobreviver na metrópole até que um dia é atropelada por um mercedes benz dirigido por um morotista loiro” (KOTHE, 2004, p. 435). Sua vida se encerra quando a “madama” Carlota lhe prevê um destino de luz. Crédula e feliz, a moça sai do consultório e é atropelada, a pobrezinha “Morre caída no meio da rua” (CASTELLO, 2011, p. 210). No beco escuro, na sarjeta, a pobre moça luta silenciosamente para fugir da dor... dor que não é física, mas, existencial. Nesse momento, observada por muitas pessoas, sua vida ganha sentido, os olhares alheios acabam por lhe dar uma existência e conduzi-la ao mais

próximo de si, “[...] Macabéa no chão parecia se tornar cada vez mais uma Macabéa, como se chegasse a si mesma” (HE, p. 82). A criatura, desvalida sob os paralelepípedos, agonizava... ruía de alegria e dor, satisfação e insatisfação, agonia e tranquilidade, sabia que nascera para a morte e isso a fazia sentir uma soberana felicidade. “Agarrava-se a um fiapo de consciência e repetia mentalmente sem cessar: eu sou, eu sou, eu sou. Quem era, é que não sabia. Fora buscar no próprio profundo e negro âmago de si mesma o sopro de vida que Deus nos dá” (HE, p. 84).

Quando morre, Macabéa metaforiza sua salvação, nesse desfecho, montando o espetáculo de si mesma, ela realiza seu mais oculto desejo, introduzindo em seus últimos instantes de vida um “final grandiloquente” (SÁ, 1979, p. 276). Esse momento, marcante, pode ser visto no romance:

Aí Macabéa disse uma frase que nenhum dos transeuntes entendeu. Disse bem pronunciado e claro:

- Quanto ao futuro.

[...] Nesta hora exata Macabéa sente um fundo enjoo de estômago e quase vomitou, queria vomitar o que não é corpo, vomitar algo luminoso. Estrela de mil pontas (HE, p. 85).

Maca vomitou o sangue que marca sua história; sangue do medo, da opressão e do sofrimento; sangue da liberdade que culminou em sua morte, “[...] de estrela no final” (SÁ, 1979, p. 277) enfim, “[...] o âmago tocando o âmago: vitória!” (HE, p. 85). Morre a estrela “sem brilho” ofuscada pela ilusão, “Macabéa morreu. Vencera o Príncipe das Trevas. Enfim a coroação” (HE, p. 85). O momento de sua morte é marcado pela contemplação, instante em que se verbaliza a profundidade de uma vida, antes ordinária. No instante da morte, a sertaneja, afinal, liberta-se de si mesmo, do outro, do mundo e do por vir, quase sempre incerto das coisas futuras.

A moça vive em estado permanente de morte. Enquanto existe, vive a morte da impossibilidade, privada de uma vida feliz e satisfatória. Sua extinção é mais que física; ela viveu como se nunca tivesse vivido e morreu como se começasse a viver. Para ela, morrer não tinha qualquer significado, não sabia viver, tampouco morrer. Não distinguia uma coisa e outra: “viver e/ou morrer” tanto fazia, era tudo mecânico e convencional, vivia-se por um motivo e morria-se por qualquer outro.

Nela existem duas possibilidades de morte: a do corpo e a da alma. A moça há muito tempo morria, morria em vida, tão lenta e suavemente, que o instante de sua verdadeira morte não representou o “fim”, mas o começo, quando largada no chão próximo ao esgoto a pobrezinha experimenta o “estado de graça” e sublimação, proveniente da realização de um

desejo vital: ser estrela, estrela de cinema “Ela é sim uma estrela, porque tem o peso da luz” (SÁ, 1979, p. 278).

Franciscatti (2005) diz que o indivíduo mantém uma tensão entre o “sofrer muito” e o “sofrer bem”, e Macabéa realizava com capricho a tarefa de sofrer; sofria silenciosa e educadamente; administrava com excelência os elementos de desgosto e isolamento. Resistiu à vida: padecendo e se superando inexplicavelmente. A morte da personagem é metaforicamente representada pela expressão “A Hora da Estrela”, haja vista, estrela de cinema ela se tornou somente depois de morrer. A morte “gran finale” (HE, p. 13) de Macabéa foi um “assovio no vento escuro”<sup>11</sup>, uma possibilidade de existência, morrendo ela foi notada e sentida, morrendo ela se libertou dos sofrimentos, “Morrendo ela virou ar” (HE, p. 86). Ali, morta em condição de graça... graça profana de ter vivido a hora de estrela, a sertaneja se vê defronte ao selvagem coração da vida.

O trágico momento vivido após as adivinhações da cartomante foi o único em que Maca pode ir além de sonhos e ilusões, “[...] seus pressentimentos solenes, abriam-lhe horizontes de vida eterna” (MONTENEGRO, 2001, p. 219), compensando a falta de realização que circundou toda sua existência. A moça habitou o país da solidão, anulando-se completamente, abdicando de suas vontades e retendo-se num espaço de sofrimento agudo. Toda sua existência foi uma ferida aberta e incurável... uma ferida de “morte”.

### **3.3 Silêncio de vida, barulho de morte: o drama identitário de um ser mulher**

A morte é um encontro consigo. Deitada, morta, era tão grande como um cavalo morto (HE, p. 86).

A história de Macabéa é catalogada pela sobrevivência; a moça viveu a ausência de si em si mesmo, a perda de autonomia e liberdade perante o mundo e mais a carga opressora e violenta de uma existência humilde e banal. Passiva, ela teve seu cotidiano alienado e aí concentrou as dores do mundo. Foi esquecida pela sociedade e sofreu o peso dos valores sociais existentes no círculo mundano. “Ela, desse modo, é algo densamente tendencial, futurístico, utópico, o que está por nascer. Um nascimento a que não podem faltar as dores do parto. Melhor dizendo aqui as dores do mundo” (MONTENEGRO, 2001, p. 99). Toda sua existência planou sob o desconforto, a exclusão e a inadaptação, promovendo um desnorteamento que a fez perder os referenciais do mundo. Sua vida e suas verdades se

---

<sup>11</sup> Tomando de empréstimo um dos títulos da obra, criado pela própria autora.

expressaram através do silêncio acolhedor, que a fez alcançar o inexprimível. Orlandi (2007, p. 13) pontua algumas considerações sobre o silêncio e sua ação na existência humana,

O silêncio é assim “respiração” (o fôlego) da significação; um lugar de recuo necessário para que se possa significar, para que o sentido faça sentido. Reduto do possível, do múltiplo, o silêncio abre espaço para o que não é “um” para o que permite o movimento do sujeito.

A nordestina – guiada pelo profundo silêncio de si – foi patética e ao mesmo tempo pura e idiota. O silêncio “gritante” que a acomodou, falou mais que mil palavras. Através dele, ela reagia e enfrentava, ainda que involuntariamente, as ideologias da sociedade dominante. Lombardi (2003, p. 239) é pertinente quando declara: “O silêncio dos sertanejos foi, durante muitos anos, a única resposta à condição de vencidos que lhes foi imposta”. Enquanto sertaneja, Macabéa demonstrou que uma das formas de resistir, é calar! A moça utilizou seu silêncio para sobreviver no mundo desordenado. A paz que submeteu seu espírito foi a resposta que encontrou para superar as tensões promovidas pelo mundo. “Um meio de obter é não procurar, um meio de ter é o de não pedir e somente acreditar que o silêncio que eu creio em mim é resposta ao meu – a meu mistério” (HE, p. 14). A moça viveu compelida por berrantes injustiças e em estado de utopia aguda, foi uma mulher: nordestina e imigrante sem lugar na sociedade e no mundo. Conservou-se “[...] encantada em sua vida, como num casulo, ou como em estado de hibernação” (SPERBER, 1983, p. 158).

Macabéa, “muda”, impôs seu ínfimo valor através do profundo silêncio que vivia, ganhou força mediante o aparentemente banal e ilógico. Dona de um silêncio que aspirava força e sensibilidade, fez dele o caminho mais próximo para encontrar-se consigo mesmo, preenchendo algumas lacunas abertas em seu ser. De encontro com seu interior, ela desenhava um mundo “seu” incompleto e vazio. Foi em profundo estado de silêncio e solidão, que os elementos internos e externos do mundo macabeano começaram a ganhar sentido.

A condição existencial de Macabéa a conduziu para um mergulho no vazio, que a fez experimentar um estado de sonho, devaneio e abandono. Seu “ser” passou por uma travessia, sempre confusa e obscura, que a permitiu habitar a região do sofrimento, viver no “país das maravilhas” – sem maravilhas – e saborear a crise do contemporâneo num contínuo estado de sonho. Foi uma sonhadora de plantão, a ponto de permitir que essa condição refletisse em toda sua existência. Seus sonhos intensos e profundos buscavam preencher sua alma vazia. Além de sonhadora, a moça vivia a exclusão social e experimentava o esquecimento do ser, tornando sua existência um acúmulo de sofrimentos e expondo seu cotidiano a qualquer sorte, no caso dela, de uma sorte má.

Desde os primeiros momentos de vida, foi acometida pelo sofrimento, viveu o drama de uma vida lançada a amargura existencial e social. Foi alguém que carregou em si a cruz do sofrimento indesfrutável, revelando a tragédia humana; alguém que buscou na ingenuidade, alcançar o sublime da vida, lutando para entendê-la e entender as razões para tantos (des)caminhos. Existiu sob um profundo mistério e extraiu dele elementos “doces e amargos” que por vezes, desvendaram a vida e suas razões. Maca foi condicionada a uma existência áspera e desfavorável, teve sua vida bloqueada pela angústia, pelo sofrimento e alienação. No mundo mecânico, onde tudo obedecia a regras e convenções, a sobrevivência da moça se tornava cada vez mais apavorante, resistir às asperezas do caminho foi uma tarefa dolorosa, pois, ela “[...] simplesmente não era técnica, ela era só ela” (HE, p. 47). Sua vida só acontecia quando saltava para os momentos metafísicos, onde se (re)configurava e criava novas estruturas para a edificação de sua identidade. Foi sempre tocada por uma sensibilidade reveladora, assumindo o perfil existencial das “almas sofridas”.

Sua existência interior e exterior recebeu duros golpes do cruel destino, a moça sofreu demasiadamente. Sem saída, submete-se à alienação e alheamento, culpando-se por seu destino desfavorável e considerando-se a própria causadora dos desastres que lhe aconteciam, tanto na esfera pessoal, quanto nas relações sociais. A sertaneja foi condenada e constrangida a ser na vida mais do que podia, mais do que realmente era. Parecia querer desculpar-se por existir, e existindo, não saber quem era, nem o que fazer com sua vida.

A nordestina teve uma experiência de vida marcada pela singularidade, ingenuidade e pureza, sua nulidade foi expressiva, ela vivia “[...] tentando catar os lances de um imenso quebra-cabeça que está a se perder a todo instante [...]” (MONTENEGRO, 2001, p. 54). Possuía uma consciência alicerçada sob a angústia e desorientação que bloqueava seus passos e a perseguia, fazendo-a um ser conformado, parado no tempo e no espaço, condicionado ao atraso e aceitação social.

Dona de uma acentuada inconsciência pessoal e social, ela utilizava meios alternativos de elevação. Procurou encaixar-se no espaço através dos fluxos de consciência, introspecções e epifanias, que promoviam uma nova seção de acontecimentos cotidianos. Esses acontecimentos, quase sempre cruéis, desumanos e inusitados, provocavam angústias que a fragilizava e/ou paralisava. Os padrões socioculturais estabelecidos pelo sistema, (des)valorizaram e (des)configuraram seu “ser”. Seu sofrimento existiu diante do trágico, diante do outro e de si mesmo. Ela foi o espelho límpido do sofrimento, de um sofrimento provocado pela vida, pelo mundo e que, termina numa tragédia irônica.

A imigrante nordestina é o arquétipo do sofrimento e da tragédia vinculado a um estado de ser e de consciência que desmoraliza sua imagem, tornando-a simplória. O estado de passividade da moça não é amenizado nem diante do sofrimento pessoal: “Ela tudo suporta paralisada e perplexa, sem acionar quaisquer mecanismos dinamizadores de projetos viáveis. Macabéa caminha para o fim trágico que a espera quase por antecipação” (MONTENEGRO, 2001, p. 91). É despossuída de mecanismos de defesa contra o sistema opressor que a condiciona ao irrisório, exibindo estupidamente atitudes de aceitação, submissão e contemplação.

Macabéa carregou sua cruz – elemento que remete a tragédia e dor – sem desesperar-se. Lutou para libertar-se da amargura que acometeu sua vida. Esse combate, tantas vezes desleal, paralisava-a. Sem armas, ela aceitou viver sob intensa subordinação, abdicando dos seus próprios desejos e resistindo as agruras da vida na esperança de alcançar sua plenitude. Ela foi uma heroína, lutadora e resistente, ainda que subestimada. Montenegro (2001, p. 169) proclama:

A nossa heroína, ao olhar com o coração os acontecimentos do cotidiano, as perspectivas toscas de seus poucos interlocutores, as vicissitudes que a cercam, é tomada de autêntica aceitação da vida. A vida é assim mesmo e não há como mudá-la [...]. Aquela resistência oposta pela realidade fornece-lhe a sabedoria intuitiva das limitações ontológicas, sobretudo, da vida humana. E, ao aportar a autotranscendência, adquire a clara noção de que é preciso perder a vida para ganhá-la.

A moça cultivava seu solo ontológico<sup>12</sup> resguardada que era no seu mundo interior. Seu drama existencial provinha da necessidade de corresponder as exigências do seu mundo interior e exterior. Era sob essa ponte que Macabéa titubeava, não sabia se correspondia a si mesmo ou as cobranças do mundo, assim sendo, não se preocupou em compreender os fatores internos e externos que a aprisionavam e oprimiam. Marginalizada que era, se distanciava de si mesmo, do outro e do mundo, inferiorizando-se. “– Desculpe mas não acho que sou muito gente” (HE, p. 48). Sua marginalização por vezes lhe pesou os ombros, fazendo-a completamente fragilizada e transportando-a para seu inescapável destino composto de avanços, retrocessos e digressões. Seu silêncio foi como “respiração”, lugar necessário de recuo que a fazia refletir e repensar a vida, buscando dar sentido a uma existência que pairou sob o inabalável mutismo.

---

<sup>12</sup> Segundo Aurélio (2010), a ontologia é parte da filosofia que trata da natureza do SER e suas relações. O solo ontológico consiste no espaço do SER. É um ambiente de recolhimento onde o SER interage com seu interior como forma de entender a realidade. Filósofos como Platão e Aristóteles afirmam que muitas vezes a ontologia se confunde com a metafísica, mas, na verdade é um aspecto da metafísica que procura categorizar o que é essencial e fundamental em determinada organização.

## NO CAIS DO CORAÇÃO, NO BEIJO DA AGONIA... ESPERANÇAS INCONCLUSAS

[...] é claro que a história é verdadeira embora inventada – que cada um a reconheça em si mesmo porque todos nós somos um e quem não tem pobreza de dinheiro tem pobreza de espírito ou saudade por lhe faltar coisa mais preciosa que ouro – existe a quem falte o delicado essencial (HE, p. 12).

Macabéa é indefinível... indefinível desde o nascer, até a hora da morte. É sonhadora... vivia em estado de “solidão desértica”. Ela é um indecifrável mistério. A personagem clariceana tem sua vida delineada a partir das vias da estupidez; estupidez humana, social e psicológica que conduz o homem ao nada. Quando deu luz a Macabéa marginalizada, Lispector quis chamar atenção para a marginalização interior adormecida em cada um. Ela foi um instrumento, edificado pela escritora, para escancarar o preconceito, a desigualdade e a submissão do ser humano.

Macabéa soube ser impossível, demorou a romper o casulo e brotar para vida. Viveu uma batalha interior confusa, agressiva e desesperada, mostrou-se fruto de sua própria fantasia e dos seus próprios sentimentos. Foi vítima do seu SER interior, movida pelos pensamentos produzidos em sua mente. A sertaneja, dona de uma acentuada (in)consciência, foi completamente dominada pelos fluxos contínuos de seus pensamentos e emoções e pela vivência conflituosa com o “outro”.

Sua identidade construiu-se pouco a pouco e ganhou forma diante dos incontáveis fatores sociais, culturais e psicológicos que aprisionam o indivíduo. “Tudo” que existiu no contexto físico e psicológico da sertaneja foi subsídio para modelar sua identidade; os cheiros, as cores, as ruas, as praças, os homens, as mulheres, o trabalho, a datilografia, o rádio-relógio, o namoro, a pobreza, a tristeza, a falta de comunicação, a cartomante, o príncipe enfim, todo artifício, por mais ínfimo que parecesse, teve seu valor no mundo macabeano. Sua vida deficiente foi exaurida, toda ela foi uma tentativa de compreender o seu mundo interno/externo, seu valor existencial e o sentido de viver.

A moça viveu sob intensa crise existencial, pairando sob o indefinível, o incompreensível e a (in)satisfação. A protagonista, perdida, teve sua vida bloqueada pelo sistema, que exclui e condena o homem ao preconceito sociocultural avassalador. Ela é um ser/mulher, sucumbida pela fragmentação identitária. Sua identidade, ainda por terminar, constrói-se por meio das vivências próprias e alheias, pela coletividade de eus que

desconhece, pela subtração daquilo que é, pelos fluxos de consciência e pelo momento epifânico – instante de morte, que a possibilita conhecer a vida –, defronte ao abismo da morte, sente realizar-se em seu sonho, o sonho de ser estrela, “estrela de cinema”. Nesse instante trágicômico, ela morre atropelada, justamente no momento em que deveria (re)nascer.

Os processos introspectivos, os fluxos de consciência e o momento epifânico foram peças chave no processo de (re)descobrimto da moça, digo, redescobrimto, porque o homem, por mais inferior que pareça, possui uma particularidade, uma identidade e um valor existencial. Macabéa não sabia, mas, percebia seu valor no mundo, ainda que um valor medíocre. Inconscientemente, foi a principal culpada pelo seu declínio, quando aceitou viver sob uma alienação profunda, conformismo irritante e submissão inquestionável. Ela foi marginalizada, crucificada e condenada à desorientação.

A condição social de Macabéa a desumanizara, ela existiu imersa num cotidiano baseado no automatismo. Viveu inerte, à espera de um único momento que a fizesse lembrar-se de si mesma, despertando-a para sua existência. A moça foi forte e fraca, forte quando resistiu às tribulações do caminho e fraca quando deixou brechas para a dissolução de uma vida pouco exitosa. Transgrediu seus limites quando viveu o momento epifânico que lhe apresentou um mundo novo, libertando-a de uma vida estereotipada.

A nordestina sempre manteve acesa a chama da vida. As situações de impotência as quais era exposta nunca a permitiram desistir de viver. Seu sopro de vida foi extenso, a moça foi como uma espécie de donzela grávida, engravidada de si mesma. Sua vida foi composta por situações traumatizantes, ela foi uma ingênua – teve alegrias profanas e sofrimentos saborosos que atenuaram sua dura existência.

Macabéa captou a alegria, pura alegria de ganhar a vida, porque soube perdê-la. Viveu no cerco da inocência e boa-fé, imersa numa solidão que terminou por se transformar em tragédia, tragédia com sentido de libertação. Ela não teve saída, por isso aceitou sua solidão – espaço de transparência da sua própria verdade – e nela se abrigou, administrando sua vida cansadamente, até o momento quando, de forma nefasta, alcança o êxtase extremo de vida e de morte.

A moça existiu perseguida pela sua (in)consciência e, muitas vezes, reduzida a ela; viveu subtraída a si mesmo, a seus pensamentos e emoções e, ao outro, que ela admirava e invejava de uma maneira estúpida. A moça desejava (re)encontrar sua imagem perdida no espelho e alcançar o brilho cintilante de estrela, estrela de cinema. Era esse seu grande sonho:

ser estrela de cinema, como Marilyn Monroe, sonho alcançado somente na transição para a morte. Fernando Pessoa diz que o homem é do tamanho do seu sonho, Macabéa, pois, foi gigante como uma estrela de mil pontas. Embora já não pudesse mais brilhar para a terra, dentro de si ainda persistia um brilho intenso.

Sua existência oca foi sempre sem sentido e sem importância. Como num trapézio viveu sofregamente, equilibrando-se. A sertaneja constituída de um vazio perpétuo e insistente foi um rio, que correu para lugar nenhum. Sua vida foi uma batalha; batalha contra si mesmo e contra o mundo. Sua luta foi um grito mudo em meio à multidão. Passou toda sua vida ansiando entender, encontrar, possuir, ser... mas, parecia lhe faltar algo, algum suporte que pudesse mantê-la de pé. Sua vida foi barulho, silêncio, congruências e desprazeres, mas, a moça – aquela do sertão de Alagoas – nunca fora covarde, soube encantadoramente, viver em paz com sua própria guerra.

A nordestina é o esboço da fadiga humana. É uma silenciosa mulher, que faz ecoar em sua vida gemidos de opressão, angústia e consternação existencial. A nordestina que Clarice (des)monta, alcança na dureza e na escuridão, um estado de inocência particular, um vazio de alma e espírito que a submete as aspirações do mundo. Macabéa viveu uma busca inconsciente pela essência das coisas e do “ser”.

O contexto de vida macabeano se assemelha a situação do homem que vive num estado de decadência social e psicológica. Conhecer a história da moça permite ao indivíduo transportar-se ao mais profundo e obscuro do seu SER, subtraindo-lhe os elementos necessários para compreender a vida, seu sentido e sua essência. Os homens e mulheres que habitam a vastidão do universo parecem carregar em si quantias do DNA da moça, seja no olhar, no jeito, no sorriso, na simplicidade, na solidão. “Macabéa” é, na verdade, todos os sujeitos que vivem sob a opressão e exclusão do sistema; sob os domínios e os comandos de sua própria mente e sob a sombra aterradora de não se conhecer e não se completar. Todos os homens, assim como Macabéa, são um pouco patéticos, a ponto de flutuar sob o drama, sob o insolúvel, sob o surreal. Todos estão às margens de si, do outro e do mundo e no fundo não passam “[...] de uma caixinha de música meio desafinada” (HE, p. 86).

## REFERÊNCIAS

BOSI, Alfredo. **Céu, inferno**. 2 ed. São Paulo: Duas cidades, 2003.

BRANDÃO, Ruth S. **Mulher ao pé da letra: A personagem feminina na literatura**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2006.

BRAIT, Beth. (Org.). **Bakhtin outros conceitos – chave**. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2008.

CARVALHO, Carlos André Rodrigues de. **A hora da estrela: a representação da representação dos personagens de Clarice Lispector por Caetano Veloso e Waly Salomão**.

Disponível em:

[http://www.pgletras.com.br/Anais30Anos/Docs/Artigos/4.%20Dout%20e%20mestres%202006/4.3\\_Carlos\\_Andre.pdf](http://www.pgletras.com.br/Anais30Anos/Docs/Artigos/4.%20Dout%20e%20mestres%202006/4.3_Carlos_Andre.pdf). Acesso em: ago. 2012.

CASTELLO, José. (org.). **Clarice Lispector: Clarice na cabeceira**. Rio de Janeiro: Rocco, 2011.

CUNHA, Euclides. **Os sertões**. 11 ed. Rio de Janeiro: Record, 2010.

FALCINI, Mayra. **Bodas de ouro**. Editora Escala, São Paulo, n. 29, \_\_\_\_\_, p. 16 – 9, \_\_\_\_\_.

EVANGELISTA, Paulo. **Se Macabéa tivesse feito terapia... considerações sobre a clínica daseinsanalítica**.

Disponível em:

[http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/pdfs/Evangelista\\_Macabea.pdf](http://www.fenoegrupos.com/JPM-Article3/pdfs/Evangelista_Macabea.pdf). Acesso em: jul. 2012.

FARACO, Carlos A. Autor e autoria. In: BRAIT, Beth (org.). **Bakhtin - conceitos chave**. 4 ed. São Paulo: Contexto, 2008.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Mini Aurélio: o dicionário da língua portuguesa**. 8 ed. Curitiba: Positivo, 2010.

FRANCISCATTI, Kety Valéria Simões. \_\_\_\_\_. **A maldição da individuação: reflexos sobre o entrelaçamento prazer-medo e a expressão literária**. 2005. 231F. Tese (Doutorado em Psicologia: Psicologia social) – Programa de Pós-graduação em Psicologia social, PUCSP, São Paulo. 2005.

Disponível em:

<http://www.caiofernandoabreu.com/arquivos/trabalhos/kety-valeriaa-maldicao-da-individuacao-reflexoes-sobre-o-entrelacamento-prazermedoeaexpressaoliteraria-1.pdf>.

Acesso: set de 2012.

FREUD, Sigmund. **Obras completas de Sigmund Freud: Conferências introdutórias sobre psicanálise (partes I e II)**. Tradução de José Luis Meurer. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XV.

\_\_\_\_\_. **Obras completas de Sigmund Freud: O Ego e o ID e outros trabalhos**. Tradução de José Octávio de Aguiar Abreu. Rio de Janeiro: Imago, 1976, v. XIX.

GOTLIB, Nádia B. **A paixão, segundo Clarice**. Revista Carta na escola. Confiança, São Paulo, n. 44, \_\_\_\_\_, p. 39-2, mar. 2010.

\_\_\_\_\_. **Clarice uma vida que se conta**. 5 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

IANNANCE, Ricardo. **Guia para a aventura clariceana**. Revista Entre livros. Duetto, São Paulo. n. 21, ano 2, p. 38-43, \_\_\_\_\_.

ISER, Wolfgang. **Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional**. Tradução Luiz costa Lima. 2 ed. Rio de Janeiro: F. Alves, 1983.

JUSTINO, Katiuce Lopes. **A representação autoral em Clarice Lispector**. São José do Rio Preto/SP.

Disponível em:

<http://www.unifafibe.com.br/revistasonline/arquivos/revistafafibeonline/sumario/9/18052011154539.pdf>. Acesso em: jul. 2012.

KADOTA, Neiva Pitta. **A tessitura dissimulada**. O social em Clarice Lispector. 2 ed. São Paulo: Estação Liberdade, S/d.

KOTHE, Flávio R. **O cânone republicano II**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2004.

LINS, Álvaro. **Os mortos de sobrecasaca**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 1963.

LISPECTOR, Clarice. **A hora da estrela**. 1 ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.

\_\_\_\_\_. **A descoberta do mundo: crônicas**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1984.

LOBO, Luiza. **Crítica sem juízo**. 2 ed. Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

LODGE, David. **A arte da ficção**. Porto Alegre: LEPM, 2009.

LOMBARDI, José Claudinei (Org.). **Temas de pesquisa em educação**. Campinas, São Paulo: UNC, 2003.

MAYRINK, Geraldo. **Clarice, a hora da crítica**. Revista Entre livros. Editora Peixes, \_\_\_\_\_, n. 3, ano 1, p. 44-7, jul. 2005.

MELLO, Anita C. de. **Imagem nada uniforme**. Revista Entre livros. Duetto, São Paulo. n. 21, ano 2, p. 35-7, \_\_\_\_\_.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. São Paulo: Cultrix, 1985-1989.

MONTENEGRO, João Alfredo. **História e ontologia em: A hora da estrela**, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2001.

MORAES, Taiza Maria Rauen. **A magia e o herói clariceano**. *Uniletras: revista*. Ponta Grossa, Pr: p. 121-128, dez. 2000.

MORIN, Edgar. **Para sair do século XX**. Trad.: Azambuja Harvey. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.

NASCIMENTO, Evando. **Clarice Lispector: uma literatura pensante**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.

NOLASCO, Edgar César. **Carlos Drummond de Andrade e Clarice Lispector: Amizades Gauches**. Revista Discutindo literatura. Escala educacional, São Paulo, n. 20, \_\_\_\_\_, p. 38 - 3,\_\_\_\_\_.

\_\_\_\_\_. **A travessia cultural de Macabéa**. Mato Grosso do Sul/MS.

Disponível em:

<http://www.ceul.ufms.br/pgletras/docentes/edgar/A%20TRAVESSIA%20CULTURAL%20DE%20MACAB%20C9A.pdf>. Acesso: mar. 2012.

NUNES, Benedito. **O drama da linguagem: leitura de Clarice Lispector**. São Paulo: Ática, 1995.

OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. **Fênix das palavras**. Revista Discutindo literatura. Escala educacional, São Paulo, n. 14, ano 3, p. 34-5, \_\_\_\_\_.

ORLANDI, Eni Puccinelli. **As formas do silêncio: no movimento dos sentidos**. 6 ed. Campinas, São Paulo: UNICAMP, 2007.

PAVAN, Rosane. **No coração selvagem**. Revista carta na escola. Confiança, São Paulo, n. 44, \_\_\_\_\_, p. 36 – 8, mar. 2010.

PAZ, Octávio. **A outra voz**. São Paulo: Siciliano, 1993.

PILGALLO, Oscar. **O engajamento da introspectiva**. Revista Entre livros. Duetto, São Paulo. n. 21, ano 2, p. 48, \_\_\_\_\_.

PROENÇA FILHO, Domínio. **Estilos de época na literatura**. 15 ed. São Paulo: Editora Ática, 1995.

RIBEIRO, Maria Anita C. **A neurose obsessiva**. 3 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

RODRIGUES, Carla. **Uma mulher simples**. Revista Entre livros. Duetto, São Paulo. n. 21, ano 2, p. 28-34, \_\_\_\_\_.

ROSSI, Vera Saad. **Clarice da boca pra fora**. Revista Cult. SESC. São Paulo, n. 167, ano 15, p. 21-7, abr. 2012.

SÁ, Olga de. **A escritura de Clarice Lispector**. Petrópolis: Vozes; Lorena: Faculdades integradas Tereza D'avila, 1979.

SANT'ANNA, Affonso R. **Análise estrutural dos romances**. Petrópolis: Vozes, 1973.

SANTOS, Jeana Laura da C. **A estética da melancolia em Clarice Lispector**. Florianópolis: Ed. Da UFSC, 2000.

SILVA, R. A. (org.). **Diálogos literários**: literatura, comparativismo e ensino. Cotia, SP: Ateliê editorial, 2008.

SILVERMAN, Malcolm. **Protesto e o novo romance brasileiro**. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2000.

SOUZA, Eneida M de. **Janelas indiscretas**: ensaios de crítica biográfica. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011.

SPERBER, Suzi Frankl. Jovem com ferrugem. In: SCHWARS, Roberto (Org.). **Os pobres na literatura brasileira**. São Paulo: Editora brasileira, 1983.

VALVERDE, Luiz Antonio de C. (Org.). **Sertania revista de Literatura da Universidade do Estado da Bahia**. Conceição do Coité, n. 2, abr. 2012.

VARAZZE. Jacopo de. **Legenda áurea**: vidas de santos. Tradução: Hilário Franco Júnior. São Paulo: Companhia das letras, 2003.

WERNECK, Maria Helena. O feminino na leitura, **O desejo não mora em casa**. Rio de Janeiro, 101: p. 51/64, abr.-jun. 1990.

ZINANI, Cecil Jeanine A. **História da literatura**: questões contemporâneas. Caxias do Sul, RS: Educs, 2010.